SUA ALTEZA REAL A PRINCEZA D'ITALIA

D. MARIA PIA.

Est. d'Arad. B. A. de Lx.ª

SUA ALTEZA REAL

A SENHORA D. MARIA PIA

Princeza d'Italia

arefa difficil sempre é fallar ácerca de Principes; difficilima quando a consciencia do escriptor lhe não consente tecer elogios; muito mais difficil talvez quando o louvor é merecido. Póde parecer lisonja o que não é senão a sincera expressão da verdade e da convicção de quem falla.

No caso presente, porém, dissipam-se-me os escrupulos, recordando-me que todos poderão avaliar dentro em pouco se me deixei deslumbrar pela magestade do solio, se a consciencia se me offuscou diante do brilho da corôa. Atrevo-me a dizer que haverá talvez quem me accuse de ter ficado áquem da verdade, mas que ninguem me accusará de ter passado além. Pertencemos, louvado Deus, a uma época em que a verdade e só a verdade se deve aos Reis. Assim como sabemos dizer-lh'a, assim elles a sabem escutar.

Não pretendo considerar o casamento d'El-Rei pelo lado politico. Já se tem fallado muito n'este assumpto. Enverga-o cada

qual de um modo differente. Exaltado por uns como sendo de suprema conveniencia, tenho ouvido outros taxal-o de inepto e mesmo de perigoso.

Parece-me que ha exageração de ambos os lados. Ha politicos que discutem hoje com argumentos de outra época, excellentes talvez quando foram descobertos, mas que ficaram sendo de nenhum valor, mudado o ambiente em que se passaram os factos aos quaes eram então applicados.

A importancia politica dos casamentos reaes é hoje muito differente do que era outr'ora. Podem os soberanos contrahir alianças, estreitar entre si os laços de parentesco, trocar princezas: nada val se as nações a cujos destinos presidem, não forem tambem unidas entre si pela communhão de idéas, de tendencias, de regimens e interesses. Não ha tratados que substituam esta fraternidade. É porque esta é um facto natural, regular, filho das conveniencias bem entendidas das nações. Os tratados eram muitas vezes artificiaes. Representavam mais a ambição dos principes que os firmavam do que os interesses das nações em prol das quaes se queria inculcar que eram celebrados.

Outr'ora o que determinava a escolha da Esposa para o Rei era a conveniencia politica verdadeira ou falsa d'aquelle enlace. Hoje póde entrar no calculo outro elemento; póde o coração ser consultado. Hoje não basta dizer se a futura Rainha é rica ou poderosa; devemos perguntar principalmente se é boa, se saberá assegurar a felicidade domestica de seu Augusto Esposo, educar bem a seus filhos, ser espelho de virtudes, exemplar para todos os seus subditos.

É por este lado que me parece se deve encarar o casamento d'El-Rei.

Nasceu S. A. a Sr.ª D. Maria Pia a 6 de outubro de 1847. Contava pouco mais de sete annos quando perdeu sua mãe a Rainha Maria Adelaide de respeitabilissima memoria. Rainha santa lhe chamavam seus subditos, e santa foi ella pelas virtudes e pelo longo martyrio. Austriaca por nascimento, mas italiana por dever de esposa, assistiu ás terriveis luctas em que de uma parte combatia o marido, da outra os irmãos e mais chegados parentes. Mais desventurada que a nossa Rainha santa não lhe foi dado presencear a reconciliação d'aquelles a quem tanto queria. Imagine-se o longo penar do seu coração durante aquelles annos de guerra. Bem pungentes foram de certo os espinhos que á sombra do diadema lhe feriam a fronte.

Tamanho soffrer merecia uma prompta recompensa. Chamou-a Deus a si no viço dos annos.

Não puderam suas filhas lograr os exemplos e conselhos de uma tal mãe, mas se

«triste e sem conforto *ficou* só n'este valle de amargura.»

a sua desconsolada familia, não lhe faltaram as orações da santa que pranteava. Abençoou Deus os dois anjos que ella deixára na terra. Reviveu a Rainha em suas filhas, dignas ambas de tão virtuosa mãe.

Na casa de Saboya são hereditarias as virtudes. Nenhuma familia se póde ufanar de contar entre seus ascendentes tamanho numero de santos. Um dos ultimos reis d'esta dynastia, Carlos Manoel IV, quasi nosso contemporaneo, depôz em 1802 a purpura para vestir o mesquinho habito de noviço em um convento de Roma, onde morreu, deixando apoz si fama de excelsas virtudes.

Nos annaes da casa de Saboya encontram-se ainda os nomes do Beato Umberto III, do Beato Bonifacio, arcebispo de Cantuaria, de Amedeo VIII, que tendo renunciado a corôa e fugido para um ermo, foi eleito papa sob o nome de Felix V, mas que soube depôr a tiara quando se demonstrou que a sua eleição não fôra legitima, do B. Amedeo IX, da B. Luiza sua filha e de outros ainda.

Menciono estes nomes e não os de outros principes d'aquella casa que conquistaram differente genero de illustração, porque na historia da familia da Princeza que vae ser nossa Rainha o que importa achar é exemplos de virtude que nos dêem a esperança de as encontrarmos iguaes na Augusta Esposa do nosso amado Soberano.

Em Portugal encontrará S. A. excellentes recordações da unica princeza da sua familia que foi nossa rainha: D. Mafalda mulher de D. Affonso Henriques. «Louvam muito os nossos escriptores, diz Brandão,[1] as perfeições naturaes d'esta princeza, e as virtudes que exercitou no decurso da sua vida. Mostram como se avantajou em zêlo do culto divino, em a hospitalidade e misericordia.»

Tenho fé que a Senhora D. Maria Pia, saberá seguir estas pisadas. Um sangue tão illustre como é o que lhe gira nas veias, não póde degenerar.

Dotou Deus a S. A. de excellentes qualidades do espirito e do coração. A sua piedade é exemplar, a sua caridade sem limites.

[1] Monarch. Lusit. vol. 3.º liv. 10 cap. 19.

Preside ás associações das escolas pobres de Turim, que a miudo visita, comprazendo-se em distribuir com suas augustas mãos, os premios no fim do anno escólar. Posso dizer que se occupa unicamente em amar a Deus e em acudir aos que soffrem.

Agudez de engenho, viveza na imaginação, solidez no juizo, andam conjunctos em S. A., com nimia affabilidade e rara modestia.

A senhora condessa de Villamarina, dirigiu a educação de S. A. com sollicitude maternal. Procurou aproveitar todas as boas disposições que n'Ella se encontravam.

S. A. recebeu uma instrucção solida e variada. Seguiu um curso regular de estudos em que a dirigiram excellentes professores.

Por ora é o que podemos e devemos dizer ácerca de S. A. Temos direito a conceber fagueiras esperanças. Ainda não travou com a vida a lucta a que todos estamos condemnados. Até aqui tem-se apenas preparado para o combate. Robustecida a encontrará elle.

Esperamos que S. A. saberá mostrar-se sempre digna do seu nome, das tradições da sua casa, e das suas antecessoras no throno portuguez.

O retrato com que váe enriquecido este numero da *Revista*, dispensa-me de dizer que a Senhora D. Maria Pia é gentil de feições e esbelta na estatura. A sua physionomia é sympathica, meigo o seu sorriso. Tem os olhos pretos e vivissimos; toda a sua expressão é agradavel. Estampou-lhe Deus no rosto a belleza da sua alma.

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

MEDITAÇÃO

«L'orgueil nous égare; et quand l'amour-propre «nous a plongés au fond de l'abîme, nous regar-«dons si une main secourable n'est pas tendue «vers nous... Je vois le fond de l'abîme, mais «je ne vois pas la main.... le désespoir m'at-«teint comme um carcan de fer rougi!... l'air «manque à ma poitrine! la vie n'est plus en «moi; la vie c'était mon amour.»

MERI. *Andre Chenier.*

caminho percorrido tem sido insondavel, ó Christo! mas de hoje em diante preluz-me já o pharol que guiará os meus debeis e curtos passos para a ultima morada.

A noite eterna já desce sobre mim: amortalha-me o crepe funerario da desesperança.

Sem céo que me sorria, sem estrellas que me fallem, sem luz que me alumie, sem espaço mesmo onde o espirito se refugie; morta, morta para tudo, que enfeita a existencia, e anciando sempre por ti, ó sol da vida!... que horrivel agonizar este!...

Anjo da minha mocidade, vizão mysteriosa das minhas noites de vigilia, sonhos arrebatadores que me douraste uma quadra mimosa, aspirações sublimes de uma alma immaculada; e tu, ó meu paraizo de innocencia, d'onde fui arrebatada á força, não por tentação da ser-

pente maldita; mas pelas garras de ouro inexoraveis—adeus para sempre! que debalde os meus olhos, obscurecidos de lagrimas, te buscarão mais na terra, ninho adorado! Que devaneios nos teus salões espaçosos, que fragrancia a dos teus jardins, que aromas de pureza e de bemaventurança se me insuflavam ahi na alma! E tudo isto perdido, e perdida apoz tambem a esperança, caprichosa e adorada, que me tem sustentado o animo em tantas luctas sobrenaturaes! E agora te deixo, quando a velhice intempestiva não regelou ainda este coração malfadado, que tão grande foi em crenças, no quebradiço envoltorio que o Creador lhe deu!

.....

Ha momentos na vida que assolam uma existencia inteira.

Que dôr esta da saudade e da recordação para infelizes!

Ai! o passado, Maria, o passado! Que sonho!... Feliz de ti que não conheceste as paixões mundanas, que não soubeste o que é essa torrente impetuosa que nos leva na sua correnteza apprazivel, para mais tarde nos fazer amaldiçoar o erro de um momento, que tão caro nos custa em dôres, e nos confrange para sempre o coração n'um estorcimento doloroso. Oh! como eu te invejo o destino, flôr caída do céo! Devia remir-me a lagrima, que levaste da peccadora nas tuas petalas virginaes....

Olha, vê como arrastada
Nos tremedaes da vida,
Se estorce em cruas dôres
A tua irmã querida![1]

Vê-a lançando a sonda a este mundo, que a repellio, recuar horrorisada! O bem, a virtude da caridade, o horror ao vicio, tudo é hypocrisia e mentira. As maiores torpezas, os crimes mais degradantes são o apanagio dos bafejados pela aragem bonançosa da fortuna e das considerações sociaes; escondem-se nas trevas, mas lá fulgura sempre em fachos do inferno que os aclara. Compaixão pelo infortunio ninguem a sente aqui, o egoismo mais miseravel reina entre aquelles que olham com soberania e impudor para os que não tem ouro que possa deslumbrar a podridão da alma. Olha, olha mais, e seja este o ultimo quadro. Vês, além, aquella mulher de trinta annos? Foi uma martyr da obediencia filial. Repara como ella passa a mão na fronte encanecida pelas angustias e trabalhos, não deixes

[1] Versos a M. J. por ***

sem reparo aquelle sorriso de supremo desdem do mundo, e o olhar humilde para o céo, quando a consciencia lhe está segredando «fostes bem merecidas!» Contempla-a impellida por um furacão invencivel, caída n'um pólo estranho onde lhe mingoavam as coisas que antes lhe pareciam indispensaveis á vida!

Caminha, caminha sempre ao seu lado.

Lá vai ella ao romper da aurora, por manhã frigida e nubellosa, sósinha, e escondendo-se a mêdo, ajoelhar no cemiterio onde lhe ficam todas as suas riquezas, onde estão os despojos queridos d'aquelles que lhe legaram a vida, votando-a duas vezes á desgraça. Logo, em seguida, lá voga mar em fóra o baixel que a leva a terra estranha, pobre, desamparada e desvalida. Ao seu lado, porém, sôa a voz de um anjo, vê-se uma mão amiga sustentando-lhe nobremente a coragem. Pouco depois, reconhecel-a-has tu ainda? Lá estão os verdugos, lá está o apparato temeroso do martyrio; lá está.... basta, minha querida irmã!

Feliz de ti que não conheceste o que é este agonisar de espirito, este frenezim impotente, esta dôr sem fim da memoria, dôr a que as mesmas lagrimas negam o seu alivio... Lagrimas! O que são lagrimas? Pranto de mulher, diz o homem, como se cada uma d'estas gotas não tivera mais valor que todos os juramentos, que todos os gemidos que lhe sáem dos labios, onde transluz sempre a perfidia, o escarneo, e a mentira.

Escuta-me tu, filha adoptiva do meu coração, sombra querida do meu eden, anjo que eu busco sempre nas horas afflictivas, como se podesses baixar lá da tua gloria á terra a cobrir-me com as tuas azas alvissimas! Vem, vem sentar-te ao meu lado, espirito radioso, vem fortificar-me para as ultimas agonias com um raio fulgido do teu céo!

Quando me ouças o gemer intimo da paixão reprimida a custo, quando vires altear-se-me o seio em ondulações anhelantes, toca-lhe com o teu dedo frio de jaspe, e aquieta-o. Quando a saudade pungitiva e cruel d'aquelles dias, em que eu te via toda riso e esplendores, me alancear o coração, marejando-me os olhos de agua; murmura mansinho aos meus ouvidos as palavras de Jesus ás mulheres de Jerusalem: «não chores sobre mim.» Quando vejas que as attrações do mundo podem ainda fascinar-me, a ponto de esquecer que cada favor seu custa uma decepção amarga, levanta a pedra que te esconde, cinge-me nos teus braços, que tão doces me foram, arrasta-me, leva-me comtigo, ó filha, que me salvas assim de mais longas e indeterminadas torturas!

Ó Maria! voltemos ao passado, queres? Conversemos, conversemos d'aqui. Tu no teu leito de marmore, eu no pedestal da minha cruz. Terei ainda de subil-a?...

.....

Eras ha tres annos o que és hoje na essencia: um anjo.

Adorar, adoravam-te todos que te viam na face angelica a irradiação divina e maravilhosa do teu ser. A tua voz era um hymno harmonioso e santo, era a harpa melodiosa de David applacando os impetos vertiginosos de uma imaginação desvairada, de uma alma desgarrada do seu aprisco....

Lembra-me como se fosse hontem, e breve findam quatro annos.

Era por tarde de maio, tepida e embalsamada. Anoitecia vagarosamente, e o ar refrigerante que se levantava com o pôr do sol, vinha affagar-nos até á balaustrada da janella onde nos apoiavamos por entre as rosas e as tulipas que nos chegavam do proximo canteiro. Havia talvez uma hora que estavamos ali, na mesma posição, mudas e obsorvidas em pensamentos e desejos oppostos.

Tu saudavas já a patria primitiva que antevias, eu sonhava, procurando na terra o impossivel! Na torre da Trindade soavam n'este momento as badaladas plangentes ás Ave-Marias: despertamos, juntamos as mãos, oramos em silencio, e caímos na mesma concentração melancolica.

Foi aquella uma hora fatidica! Sei que não posso esquecel-a mais.

De repente, no espaço immenso da minha phantazia rebrilhou estrella fulgurante. Abriu-se o portico do templo enganador, cuja luz, eu cega de inexperiencia, almejava. Aquelle ser ideal, que eu alindava com as perfeições dos cherubins, estava lá, era elle, reconheci-o com os olhos fechados. Senti-me ebria de um gozo suavissimo, comprehendi em fim o mysterio das inponderaveis alegrias de nos sentirmos viver em duplicado.

Foi um seculo n'um minuto: tão enraizadas me ficaram aquellas imagens; e nem sequer vi cruzar diante dos meus olhos a lembrança assustadora da fragilidade humana... que tudo me escurecia a vizão formosa!... Entretanto, tu cortavas as folhinhas da haste que tinhas á mão, tecendo uma corôa verde e viçosa como a esperança.

A tua voz chamou-me, e eu não ouvi: volitava-me o espirito na magia do meu novo céo; a tua mão tocou na minha, e eu fiquei insensivel ao contacto. Levantaste-te então nos teus pe-

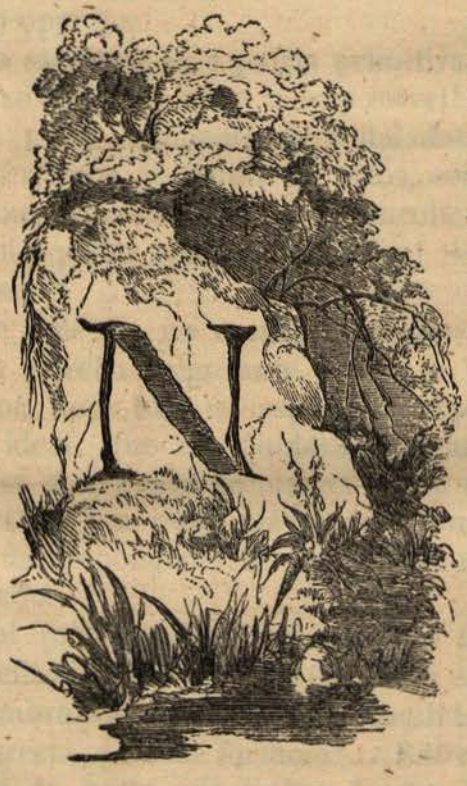
queninos pés, os teus labios roçaram-me na face; e, n'um impulso subito, cingiste-me a fronte ardente com a grinalda. Senti a dôr aguda de um espinho trespassar-me, e estremeci. Olhavas-me com tristeza.... Depois, estendendo o braço, e elevando a voz preadevinhadora que eu escutei como a do anjo da annunciação, deixaste caír dos labios a prophecia:

Luz e trevas, gloria e martyrio!...

17 de Fevereiro 1862.

A. A.

COMMERCIO EXTERNO DE PORTUGAL



ão ha falta que mais se faça sentir no estudo da situação de Portugal, que a dos elementos estatisticos. Todos a deploram e quizeram ver remediada: muitos lhe aconselham e propõem remedios: mas em quanto lhe não applicarem os verdadeiros, e mais geraes, não conseguirão o que pretendem.

Estatistica propriamente dita, d'aquella que pela naturesa do objecto, abundancia de dados e methodo de apuramento póde inspirar a possivel confiança; d'essa não ha vestigios nos documentos da nossa administração. Só de poucos annos a esta parte é que a direcção geral das alfandegas, com a publicação da estatistica do nosso commercio externo, tem feito honrosas tentativas para quebrar tão fatal encantamento.

Pois que tal tem sido a nossa sorte n'esta ordem de interesses administrativos, analysemos o que se fez na parte restricta á nossa in-

dustria commercial, por que se conheça o que isso em verdade significa, e os melhoramentos que é urgente e possivel introduzir-lhe.

A primeira tentativa da estatistica do nosso commercio externo refere-se ao anno 1842. Melhoradas na fórma e successivamente ampliadas vieram depois as dos annos 1843, 1848, 1851, 1854, 1855, e 1856. Póde dizer-se, em geral, que os trabalhos de 1848 em diante são satisfatorios, considerados cada um de per si. Entretanto suscitam alguns reparos, que não dessimularemos na esperança de futuro melhoramento.

A estatistica commercial de 1842, na importação geral não extremou o que era importação directa (consumo), do que era reexportação, ainda que d'esta ultima fizesse parcial desenvolvimento. Felizmente taes faltas ou equivocos desappareceram nas publicações posteriores.

A estatistica de 1854 alterou o methodo seguido na elaboração das anteriores e posteriores, para se conformar com o de uma publicação de circunstancia, precedentemente feita, ácerca do movimento das alfandegas de Lisboa e Porto, nos tres semestres do 1.º de janeiro 1851 a 30 de junho 1852 — comparados com os do 1.º de janeiro 1853 a 30 de junho 1854. Isto, e o facto de confundir a reexportação e a exportação especial n'um só desenvolvimento de *exportação*, tornaram este trabalho o mais deficiente dos feitos desde 1848.

Em nenhuma das publicações mencionadas se fez estatistica do nosso *commercio de transito*, e comtudo ha vinte annos que as convenções entre Portugal e Hespanha facilitaram á nação visinha a navegação do Douro.

Depois d'estas breves notas, que respeitam á forma, permittam-nos apresentar, comparados, os resultados mais geraes d'esses mappas. Eil-os, expressados em *contos de réis*, quanto aos *direitos* percebidos e *valores* do *commercio*:

ANNOS	CONSUMO			EXPORTAÇÃO			REEXPORTAÇÃO		
	Valor	Direitos	Percentagem dos direitos em relação ao valor	Valor	Direitos	Percentagem	Valor	Direitos	Percentagem
1842	8:340	2:365	28,36	6:580	300	4,55	1:486	8	0,53
1843	12:314	2:965	24.07	6:948	335	4,82	1:882	13	0,69
1848	10:805	3:111	28,79	8:543	357	4 17	2:780	15	0,53
1851	13:749	3:532	25,68	8:228	360	4,37	2:463	23	0,93
1854	18:201	3:390	18.62	14 164	156	1,10	2:381	9	0,37
1855	18:774	3:602	19.18	14:425	147	1,01	2:437	7	0,28
1856	20:451	3:896	19,05	16:299	147	0,90	1:710	6	0,35
Totaes	102:634	22 861	—	75:187	1:802	—	15:139	81	—
Medias	14:662	3.265	22,26	10:741	257	0,02	2:162	11	0,005

Quanto ás entradas e saidas de embarcações, estado da carga, tonelagem e tripulação:

ANNOS	EMBARCAÇÕES ENTRADAS						EMBARCAÇÕES SAIDAS					
	EM LASTRO			CARREGADAS			EM LASTRO			CARREGADAS		
	Numero	Toneladas	Tripulação	Numero	Toneladas	Tripulação	Numero	Toneladas	Tripulação	Numero	Toneladas	Tripulação
1842	1:931	72:847	11:445	4:017	291:778	34:457	1:180	49:494	7:806	5:439	409:727	46:695
1843	2:655	152:412	19:931	5:535	445:409	49:618	1:428	79:977	11:774	6:838	526:754	58:165
1848	2:784	171:428	20:683	5:348	421:418	49:001	1:416	87:328	12:452	7:815	536:640	63:097
1851	2:684	167:454	20:108	5:654	475:929	50:952	1:535	107:120	13:439	7:242	577:372	60:761
1854	2:790	202:988	20:925	6:398	441:867	58:762	1:706	92:487	13:206	7:956	581:546	62:066
1855	2:462	201:837	18:408	5:988	431:282	48:510	1:663	96:349	13:068	7:003	558:924	55:027
1856	2:254	152:899	17:562	6:790	479:107	55:279	1:909	169:451	17:251	7:535	499:100	58:015
Totaes	17:560	1.121:865	129:062	39:730	2.986:790	346:579	10:837	682:206	88:996	49:828	3.690:063	403:826
Medias	2:508	160:226	18:437	5:675	426:684	49:511	1:548	97:458	12:713	7:118	527:151	57:689

Todos estes resultados inculcam innegavel incremento no nosso commercio externo. Mas que lei tem regido o seu progresso? É isso investigação difficil, diante da irregularidade e intermittencias havidas na *publicação* d'estas estatisticas; diante do methodo de apuramento dos *valores* dos artigos que foram objecto do commercio.

Uma operação perfeita na extensão e intensão, em qualquer ramo de estatistica, fôra sem utilidade para a sciencia, para a verdade e para o bem das nações, se se fizesse para ser descontinuada e insusceptivel de comparações. O que temos sobre commercio externo adoece d'esse mal.

As publicações foram até hoje tão irregularmente feitas, que quasi se podem reputar perdidas para a sciencia. Que medias podem tirar-se da serie imperfeitissima que tem por termos — 1842, 1843, 1848, 1851, 1854, 1855, 1856? — Que gradação póde descobrir-se em elementos tão desconnexos, cortados por lapsos de tempo tão desiguaes?

Com os meios que estas estatisticas commerciaes offerecem não é possivel estudar escrupulosamente a rasão dos factos, a origem e valor do progresso que os resultados officiaes denunciam, a influencia dos acontecimentos nacionaes e estrangeiros, e sobre tudo os effeitos da legislação patria, e reforma com que ha vinte annos se busca desembaraçar o principio liberal, promovendo-lhe applicações para colher d'ellas as promettidas e almejadas consequencias. Nos elementos que ora temos não é possivel estudar a significação e alcance de cada uma d'estas causas. Com elles todo o raciocinio perfeito é impossivel; todo o ensinamento que se lhes peça baldado; toda a conclusão que logicamente se queira tirar, ultrapassando a mudez de algarismos isolados, sem ascendencia nem successão, attentado até contra a verosimilhança.

A origem dos *valores* que figuram nos mappas geraes é de fonte suspeitissima. Não se declara ali a sua procedencia, se são *officiaes* permanentes, ou *actuaes* legalmente calculados; mas tudo leva a crer pelos elementos que o nosso processo fiscal subministra áquelles trabalhos, que são valores *declarados* pelos interessados! Esta circunstancia seria uma nova contrariedade a estudos economicos que se procurassem fazer sobre taes estatisticas, se a irregularidade da sua publicação não as tornasse de antemão incompletas. Para as comparações de artigos com artigos ha as quantidades, cujas unidades são inalteraveis; mas a comparação dos valores das classes, ou do movimento geral, como fazel-a pela somma dos valores *declarados*, suspeitos logo na origem, expressão vária para mais, ou commummente para menos da realidade, dictada pelas influencias da occasião de dia para dia variaveis; dictada pela geral tendencia que o commercio tem em toda a parte a occultar a verdadeira importancia das suas operações e economisar quanto póde no pagamento dos direitos, por mais insignificantes que sejam essas economias parciaes?

Ainda se aquelles valores partissem de uma influencia constante e sempre a mesma! Mas não é assim, porque de anno para anno variam, modificam-se, trocam-se as influencias, as molas sobre que giram as paixões dos interessados *declarantes*.

Para estes trabalhos da estatistica commercial é reclamada a reforma dos valores, substituindo aos *declarados*, os *officiaes*, quer decretados com caracter de maior ou menor permanencia, quer calculados annualmente por um conselho ou commissão *ad hoc*.

Não seria tambem complemento natural e necessario das estatisticas das alfandegas, um estado do effectivo da nossa marinha mercante no ultimo dia do anno? — a subdivisão do commercio feito pelos portos do mar, e feito pelos portos seccos, analyse indispensavel para estudo de mil questões de economia peninsular? — a estatistica das tomadias? — a extincção da anomalia que se dá na alfandega do Funchal, para a qual não vigora a pauta vigente? — e preceder toda a obra de um preambulo analytico?

À frente d'estes trabalhos na respectiva direcção geral das alfandegas está um alto empregado, modesto mas zeloso pelo serviço como poucos, intelligente e sabedor como raros, que tem sido a alma da estatistica do nosso commercio externo, que a iniciou, que a tem melhorado, e que é capaz de a levar a satisfazer as mais peregrinas exigencias da sciencia. Não vá á conta do sr. Nuno José Gonçalves o que tem havido de irregular na elaboração e publicação d'estes trabalhos: a responsabilidade é alheia. Felizmente parece que todos os estorvos estão removidos, e que d'ora ávante os mappas geraes das alfandegas serão uma publicação regular e annual.

Esperamol-o. Deem-nos livros menos esplendidos, mas mais regulares nos periodos da sua apparição. A edição do ultimo volume era esmerada de mais para documentos de tal naturesa, que serão tanto mais faceis de publicar quanto forem mais economicamente feitos. O formato é exagerado: inclinemo-nos um pouco para o da estatistica commercial da Gran-Bretanha: empreguemos typos menores, e economisaremos papel, que não é barato, sem cançar as vistas dos leitores, que nunca serão numerosos para taes obras, nem se demorarão largas horas na sua pouco attrahente leitura.

Sobretudo, que não desbaratemos mais tempo e dinheiro em trabalhos especiaes, incompletos, e sem o menor alcance scientifico, como tem sido estatisticas parciaes do movimento de uma ou d'outra alfandega.

A extensão e regularidade das observações de um dado facto são a primeira necessidade para que a estatistica preste o serviço que d'ella exigem as sciencias politicas e economicas. D'ahi o serem quasi perdidos para o estudo os trabalhos do movimento commercial que

se tem feito entre nós. D'ahi, o que ainda é peor, a inutilidade dos movimentos de determinadas alfandegas, que em separado se publiquem.

Quando vimos ainda ha pouco os amigos do progresso da administração nacional applaudirem, toda a imprensa louvar, e o governo tambem, a publicação dos *Mappas Estatisticos* das alfandegas de Lisboa e Porto no anno economico de 1859-1860, sentimos que tamanhos incitamentos não fossem dados ou reservados a trabalhos mais geraes e mais normaes. Para que serviam ao governo ou ao publico esses mappas parciaes? Quem procurará estudar as situações isoladas de duas casas fiscaes, por mais importantes que ellas sejam? E, quando mesmo houvesse n'isto algum interesse, como estudar as causas e effeitos dos factos n'uma exposição unica, sem mais elementos de comparação da mesma naturesa?

A parte é de interesse mui limitado para o estudo do todo: só ao todo se póde applicar a analyse que ensina e esclarece.

Os *Mappas* das alfandegas de Lisboa e Porto, publicados isoladamente e pela iniciativa das proprias alfandegas, não só não tinham precedentes com que entrassem em correspondencia, mas provavelmente, e grande acerto será se assim fôr, não terão jámais consequentes. E a sua organisação em annos economicos, quando todos os trabalhos da sua especie são em annos civis? Se era para concordarem e serem comparaveis aos orçamentos da receita do estado, que são de annos economicos, bastava ao publico o mappa do rendimento percebido n'essas casas fiscaes, e todos os outros elementos eram deslocados. Se era, como é mais natural presumir, para vulgarisarem o conhecimento de elementos estatisticos, processados em anno economico vieram augmentar a confusão, sem attingirem o fim, porque os trabalhos estatisticos que sobre o nosso commercio externo a direcção geral das alfandegas tem publicado são de annos civis, nem consta que haja a menor idéa de lhes mudar o periodo estabelecido, antes mui positivamente diz o artigo 14.° das *Instrucções Regulamentares* para se prepararem nas alfandegas os elementos dos mappas estatisticos do commercio, que sejam de annos civis.

É claro que para nenhum estudo geral servem os mappas das duas alfandegas, porque os movimentos geraes anteriores, que estão apurados, são de annos civis. Nem venham dizer que isto não é obstaculo, porque os termos a comparar são sempre compostos cada um de doze mezes, quer o anno comece em janeiro quer em junho: esta coarctada é sem valor e não remove o inconveniente, que por muitas rasões, que nos não cançamos a expôr, porque são bem conhecidas de quem versa estas materias, continua a subsistir. N'estes estudos comparativos a identidade de época é impreterivel: o anno de 1860, não é igual ao anno 1859-1860, ou 1860-1861. Vejam o

Compte rendu do congresso internacional de estatistica de Paris pagina 186. Abaixo os annos economicos!

Mais como satisfação aos curiosos do que como coisa que auctorise as menores conclusões, poremos aqui os resultados que em relação ás alfandegas de Lisboa e Porto, offerecem não só esses mappas publicados por ellas, mas tambem uns *Mappas geraes* do commercio, que por excepção ha annos se formularam semestralmente. Eil-os:

Semestres	Alfandega de Lisboa						Alfandega do Porto					
	Consumo		Exportação		Reexportação		Consumo		Exportação		Reexportação	
	Valores	Direitos	Valores	Direitos	Valores	Direitos	Valores	Direitos	Valores	Direitos	Valores	Direitos
1851.... 1.°	4.618	904	1.052	5	—	—	1.581	510	2.532	170	—	—
1851.... 2.°	4.038	1.038	932	4	—	—	3 330	662	1.672	139	—	—
1852..... 1.°	3.490	1.024	1.032	6	—	—	1.933	575	1.335	103	—	—
1853.... 1.°	5.181	962	1 950	8	—	—	2.431	567	3.422	81	—	—
1853.... 2.°	5.847	922	1.277	4	—	—	2.325	519	3.379	82	—	—
1854 ..... 1.°	4.857	916	1.447	5	—	—	2.694	537	3.010	59	—	—
1859.. 2.°	10.711	2,030	6.281	35	1.672	6	6.171	1 205	6.572	83	142	0,9
1860.. 1.°												
Totaes.....	38.742	7.826	13.971	67	1.672	6	20.468	4.575	21.922	717	142	0,9
Medias sem est.	4.842	978	1.746	8	—	—	2.558	571	2.740	89	—	—

Concluiremos advertindo que, nos mappas dos primeiros seis semestres não vem distincto o que é exportação propriamente dita, e o que é *reexportação:* nos mappas da alfandega de Lisboa do anno 1859-1860 se não explica a *procedencia* da importação especial (consumo), nem a da reexportação: e nos da alfandega do Porto, do mesmo anno economico, tambem erradamente se diz *procedencia* da exportação, em logar de *destino*, empregando tambem confusamente a palavra *importação* tanto no que é commercio geral como no que é commercio especial, quando se deviam distinguir um do outro, porque o primeiro comprehende o segundo (consumo), e mais o de reexportação.

José de Torres.

LAURA

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?
GARRETT.

I

Vou contar uma historia. A minha musa
Levantou-se da cama extremunhada;
Dei-lhe o braço e saímos, — pouco a pouco
A fresca viração foi dissipando
O máo humor que lhe rallava os ossos.
O sol ia já alto; deixo aos vates
A descripção dos montes e da relva,
Da campina e da luz, do vago enleio
Que em maçudas estrophes tem cantado.
Eu passo entre a ramagem das florestas,
Aspiro a brisa, escuto o murmurinho
Do ribeiro, (se o ha)! saudo os carmes
Das aves que despertam; mas entendo
Que não devo escrever tresentos versos,
Dizendo o que mil vezes se tem dito.

Vamos á historia: apenas descobrimos,
No fim de um val que a passo atravessámos,
Certa casinha branca, a minha musa
Assentou-se, mostrou-me uma menina
Que chegára á janella, e co'um sorriso
Disse-me só: — «Não vês? põe-te ao meu lado,
«Vou-te contar a historia d'aquelle anjo.»

Quando já preparava a narrativa,
Ella que ía cantando d'este modo:

Vôa suspiro, apressa-te,
Amor a amor te envia;
Ha muito que é já dia,
Vai alto o sol, se vai!
Por entre as folhas humidas
Transpira sem receio:
Descansa-lhe no seio,
Solta, recebe um ai.

Que ha muito o espero, dize-lhe,
Pergunta-lhe em que pensa,
Recorda a paz immensa
Que n'este val sorri;
Se elle tremer de jubilo,
Se lhe brilhar a fronte,
Dize-mo do horisonte
Que eu te ouvirei d'aqui.

Oh, tu bem vês que é intimo
O ardor do meu delirio;
Bem vês que atroz martyrio
Me tem murchado em flôr.
Deixei da infancia limpida
Toda a alegria infinda;
Mais deixaria ainda,
Mais — pelo seu amor.

Porque padeço misera,
Porque sonhei ventura,
Porque a minha alma pura
Sem tino desfolhei?
Quem me acolheu sorrindo-se
Ao mundo das delicias,
Quem me fingio caricias,
Quem me enganou? — não sei.

E agora solitaria
Vejo passar a vida;
Sombra de amor querida
Seguindo errante vou.
Quem me dirá: — «Levanta-te,
«Folha que amarellece;
«Levanta-te e florece,
«Que o chôro te orvalhou!»

Mas tu, dize, recordas-te
Que eu vivo ainda no mundo,
Tu, meu amor profundo,
Tu, meu ingrato amor?
Oh, por piedade, inflamma-te
No nosso affecto antigo,
E vem, vem ter comigo,
Que me enlouquece a dôr.

Ai, meu suspiro, apressa-te,
Amor a amor te envia,
Que este formoso dia
D'esp'rança me sorrí.
Vôa! se acaso o jubilo
Lhe illuminar a fronte,
Dize-mo do horisonte,
Que eu te ouvirei d'aqui!

A menina do val emmudecêra;
Eu puz-me a meditar n'essas endeixas
Que o vento ía levando pelo espaço.
D'onde vinha esse amor, esse despreso
Porque tanto chorava? quem murchára
O viço, a louçania, a côr mimosa
D'essa bonina na aridez perdida?
Tomando a posição de um academico
Quando falla em sessão de muitos sabios,
Levantei a cabeça, ergui os olhos,
Corrí pelo cabello os cinco dedos
Murmurando com voz de *primo-basso:*
—«Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?»

II

Se eu fosse dos romanticos da moda
Tinha muito a dizer sobre este assumpto;
A pessoa, o logar, o sentimento,
A hora, tudo emfim, tudo me dava
Para um grande poêma onde chiassem
Quatrocentos exdruxulos de arromba.
Mas eu sou mesmo um barbaro! conheço
Que me vão já faltando os predicados
Para ser de futuro um bom poeta.
Não fallo de cypreste, não medito
Sobre as lousas quebradas do sepulchro,
Nem sou nenhum Young que de noute

Jogue a pella co'os craneos insepultos:
Pois o genero é bom, se não é unico!
Já vêem, pois, que os topicos famosos,
Que arrepiam sem dó tantos leitores,
São banidos por mim; reconto a historia
Como tambem a ouvi da minha musa:
«Nua e crua» conforme diz o vulgo.

III

A menina do val chama-se Laura;
Conta dezaseis annos e alguns mezes,
A não mentir o assento do baptismo.
Ha dois annos vivia honestamente
Co'a mãe, ceguinha, pobre, desgraçada,
Sem arrimo, sem luz, longes do mundo,
Mas na paz do Senhor, que é sem remorsos.
Como era bello ao descair da tarde
Vêl-as sentadas n'um degrau da porta
Da casinha do val! como o sol puro
Vinha cercar de brilho aquellas frontes!
A mãe, como uma imagem da tristeza,
Corria a debil mão pela filhinha,
E as lagrimas rompiam-lhe dos olhos.
—«Quando eu deixar o mundo, quando a vida
«Se evaporar no derradeiro alento,
«Quando tu, orphã, pobre, abandonada,
«Tu, meu bem, minha Laura, minha filha,
«Filha do meu amor, quando ficares
«Só n'este val, quem guardará teus dias?
«Que anjo bom cobrirá com as suas azas
«A timida avesinha que eu lhe deixo?...»
Laura abraçava então a mãe querida,
Beijava-a, misturava ao pranto amargo
O pranto da innocencia, erguia os olhos
Para o céo, todo asul, todo harmonias,
E repetia, co'o fervor da crença,
O hymno que aprendêra em pequenina:

Dorme em paz, minha mãe, céo e terra,
Tudo attesta a bondade suprema;
Quem protege a florinha da serra
Que entre espinhos sem conto brotou?
Quem de encanto suas folhas reveste,
Quem a livra da abelha atrevida,
E de noute, que anginho celeste
O seu calix d'orvalho inundou?

Quem dá força á andorinha que gira
Em procura de lar e de ninho?
Quando o inverno nas balsas expira
Quem lhe diz: — «Vem buscar o calor!»
Quem no céo tantos astros accende
E lhes mostra o caminho seguro;
Tanto prado que enleva e recende
Quem o enche de sol e de amor?

Não se escuta desd'alva ao solposto
Um murmurio indisivel e santo?
Da creança no florido rosto
Não ressumbra a ventura dos céos?
Dorme em paz, minha mãe, que na terra
Irei sempre por anjos guiada,
Como a debil florinha da serra
Attestando a bondade de Deos!

A mãe sorria então beijando a filha,
Porque a voz da innocencia a socegava.
Se ella podesse pressentir ao menos
Que essa voz, talvez cêdo, gemeria
Na dor e na afflição!... talvez? — quem sabe!

IV

Algum tempo depois Laura era orphã.
O mundo deu com ella, e o resultado
Prevê-o quem conhece um pouco o mundo.
Por Deos, não vão mofar do meu conceito!...
Vem-me aos bicos da penna estas palavras,
E escrevo-as como um rol de bagatellas,
Quero dizer, sem ar de moralista.
Ora o que ha de fazer uma creança
Que se vê pobre e só, quando é formosa?
O que ha de ella fazer? errei a phrase,
Devo dizer de certo — o que lhe fazem?

Laura amou, mas do amor dos quinze annos,
Do amor cégo, febril, inexp'riente,
Do que se arroja ao mar buscando a perola,
E que apenas na vaga enloda as azas;
Do amor que não medita, que não pensa,
Que agita o coração atropellado,
Desvairando a razão que em breve exhaure.
Laura amou; D. Gastão era o mancebo:
Alto, bem feito, esbelto, intelligente,

Nobre na geração dos pergaminhos,
Contava mil avós que tinham sido
Condes, barões, marquezes e até duques.

Gente fidalga! Ó musa, se eu podesse
Fazer um quadrosinho a quatro tintas,
Como a pintára bem: cabello crespo,
Sobranceira na fronte, altivo o porte,
Sorriso de ironia ou de despreso
Nos labios, (quasi sempre um pouco grossos);
Nas pupilas o raio que fulmina
O formigueiro vil da burguezia.
E se o quadro fallasse?... mas silencio!
Tiremos o chapéo comprimenteiro
Ás nobrezas do mundo patarata,
E sigamos ávante a nossa historia.

Laura amou D. Gastão, disse eu ha pouco.
Encontraram-se um dia por acaso,
Olharam-se, sorriram, e esse riso
Foi — como é sempre — um precursor de affectos.
Nasceu a convivencia; a desgraçada,
Vendo tanta affeição, tanto desvello,
Julgou que a voz do crime não podesse
Juntar-se á terna voz do seu amante.
Como n'ella floriam novas graças,
Como as horas da vida a distraiam,
Que doce paz, que de illusões risonhas
Brincavam na sua alma! Esse futuro,
Que em negras nuvens lhe avultava d'antes,
Via-o surgir esplendido e formoso,
Como o vira em mil sonhos de creança.

Pela fresca da tarde iam sósinhos.
Passear pelo val; depois sentavam-se
Á sombra de alguma arvore frondosa;
Apertavam as mãos, balbuciavam
Doces protestos de ventura infinda.
E quando ao coração da innocentinha
Uma duvida atroz vinha acolher-se,
Quando aos seus olhos, de um azul celeste,
Acodia uma lagrima furtiva,
O mancebo abraçava-a, unia os labios
Aos labios inda puros d'aquelle anjo,
E dizia-lhe então no seu transporte:

Amo-te Laura; na vida
Serás sempre o meu encanto;
Vi te só, triste, abatida,
Cobri-te com o meu amor:
Tu eras o lyrio pallido
Queimado pelo nordeste,
E eu fui o orvalho celeste
Que dei graça e cheiro á flor.

Oh, não scismes no futuro,
Não o encares com receio;
O prazer vive em teu seio,
Vive no meu coração.
N'esta bemdita existencia
Tudo em roda nos fulgura,
E aspiramos a ventura
Nas brisas da solidão.

Porque choras? quem te disse
Que ha de morrer este affecto?
Que ha de acabar a meiguice
Com que te affago a sorrir?
Quem foi? oh, não penses, qu'rida,
Que esta paixão delirante
Fugirá n'um breve instante,
Ou deixará de existir.

Que me importa o falso brilho
Das grandesas d'este mundo,
Se o meu affecto profundo
He maior que essa illusão?
Que me importa, se a minha alma,
Na sua louca impaciencia,
Tem tudo na grata essencia
Do teu puro coração?

Vivamos ditosos sempre;
Teu seio em ternura immerso
Não teme o destino adverso,
Palpita fugindo á dor.
Já não és o lyrio pallido
Batido pelo nordeste,
Já tua vida accendeste
No fogo do meu amor!

O canto da serêa enganadora
Ia callando n'alma da donzella.

Lembrou-lhe a mãe, lembraram-lhe as palavras
Que lhe ouvira soltar entre soluços;
Chamou pelo anjo bom, pediu-lhe auxilio,
Gemeu na soledade e na tristesa,
Vacillou, quiz fugir... o amor rendeu-a.
Mas quem ha de accusar a peccadora?
Quem ha de ir arrancar as murchas flores
D'entre os cabellos louros d'essa martyr?
«*La faute en est à nous*», digo eu sem medo,
Na sublime expressão de Victor Hugo.

V

Corria o tempo, e o fogo do mancebo
Ia perdendo o ardor da novidade.
Aquellas tardes de alegria immensa
Em que vagavam sós, tantos delirios,
Tanto futuro vão — tudo acabára.
Desde o romper do dia, a pobre Laura
Ia por-se á janella pensativa;
Cada rumor do vento, cada sombra,
Cada vulto que ao longe descobria
Julgava ser Gastão, — julgava embalde.
Que seria? outro amor? talvez o tedio?
Mas que importava ao nobre se a tristesa
Hia apagando o brilho d'essa face?
Que lhe importava o lyrio murcho e envolto
No pó da encruzilhada? a sua vida
Não era acaso o divagar constante?

No dia em que eu a vi, em que o seu canto
Vagamente agitou toda a minha alma,
Ella esperava o amante anciosa e triste,
Quando se ouviu rodar uma caleça.
Era Gastão: a misera em seu jubilo
Sahiu, correu, voou para os seus braços.
Que avidez n'esse olhar, que loucos beijos,
Que ventura, que céo, que immensa gloria!
Não sei o que disseram, mas o nobre
Pouco tempo depois se foi embora.
Ella entrou na casinha solitaria,
Limpando de continuo os olhos meigos!

Sahi do val oppresso e taciturno;
A imagem d'aquelle anjo, o som querido
Da sua doce voz, tudo excitava

A dor e a compaixão dentro em minha alma.
Quiz esquecel-a, desterrar da mente
A lembrança fatal; e via-a sempre,
Sempre, até nos meus sonhos descuidados.
Mas que tinha eu com ella? donde vinha
A mão que me arrastava até seu lado?
Não sei, mas quatro dias depois d'isto
Fui ao val, só co'a idéa de ver Laura.

VI

Não me enganei; sentada ao pé do ulmeiro,
Que assombrava a casinha onde nascêra,
Erma, esquecida estava; o sangue todo
Correu-me ao coração n'esse momento.
Pallida e triste a vi; triste mas bella!
Na mão firmava o rosto, as louras tranças
Caiam-lhe anneladas sobre o collo.
Olhava o céo, e o sol que ia morrendo,
E o sorriso da paz lhe illuminava,
C'o a extrema luz, o angelico semblante.
Approximei-me d'ella; estava absorta.
Sem me ver, sem ouvir sequer meus passos,
Erguia um hymno a Deos, brando e sereno,
Que era talvez o derradeiro hymno.

O sol expira no monte,
O meigo azul do horisonte
Vai tambem perdendo a cor;
As aves que ha pouco ouvia,
Deixaram co'o fim do dia
Os seus canticos de amor.

O mar suspira na praia,
E a florinha que desmaia
Não sei que tristeza tem;
O prado já não florece,
E a minha que estremece
Tambem se exhaure, tambem.

Oh, que saudade profunda,
Como este sol que me inunda
Me prende nos rayos seus!...
Mas que outra vida já sinto,
Que alegria que pressinto,
Como eu sou feliz, meu Deos!

O passado — não o vejo;
Foi um'hora de desejo,
De mentira, de illusão;
Baqueei, foi minha sorte,
Transfiguro-me na morte:
Ergue-te, meu coração!

Abrindo as azas de neve,
Vou nas auras ao de leve
Soltando meu vóo aos céos.
Dou á terra o que é da terra;
Tudo mais que a vida encerra
Vai comigo, e sóbe a Deos.

Sim, já ouço a melodia
Que nos meus tempos ouvia;
Conheço-a, dos anjos vem:
E mais pura que a das aves,
E as suas notas suaves
Não sei que doçura tem.

Ai, e pôde haver um'hora,
Em qne eu visse a luz d'aurora
Sem dar com toda a illusão?
Foi bem negra a minha sorte,...
Transfiguro-me na morte:
Ergue-te, meu coração!

Callou-se, olhou, e ao ver-me de si perto
Tremeu, como de medo, ao levantar-se.
Fil-a sentar, contei-lhe o que sabia,
O que pensava até do seu martyrio;
E dei-lhe as minhas lagrimas sinceras,
Como ella dava ao mundo os seus suspiros.

Quando me despedi, ergueu-se a custo,
Deu-me a mão, que eu beijei como a de um anjo,
E disse-me com a voz mais sonorosa
Que jámais escutei na minha vida:
— «Quando tornar aqui, já não me encontra.
«Olhe, então, ouça bem, tome estas flores,
«São duas rosas que eu tirei da fronte
«De minha pobre mãe quando expirava;
«Bem vê como estão seccas, não importa,...
«Vá-mas lançar além, na terra fria
«Que ha de cobrir meu corpo; não se esquece?...»—
Quiz dissipar-lhe os negros pensamentos,

Não pude; a pallidez d'aquelle rosto
Não me deixou fallar, — chorei apenas.
Ella não; com o sorriso da innocencia
Saudava o patrio céo, o lar, o ninho,
Onde se ia abrigar das tempestades!

VII

Quando tornei ao val, não sei que pena
Me ia enlutando o espirito agitado.
Tudo estava deserto, o ulmeiro, a casa;
Deserto, — sem a pomba que morrêra!
Busquei errante a campa solitaria
Onde ella já dormia o somno eterno,
Para esfolhar as rosas, talvez unicas,
Que haviam de bordar aquella relva.
Junto de uma cruzinha, não distante,
Vi um homem resando ajoelhado.
Olhei-o, conheci-o: era o mancebo,
Que entre soluços de amargura extrema,
Contricto erguia a prece da sua alma:

Anjo, perdoa ao misero!
Foi grande o meu peccado;
Teu ser immaculado
Fui eu que to manchei.
Eras formosa; erguendo-me
No meu furor insano,
Levei-te o amor, o engano,
A perdição... bem sei.

Eras formosa e timida,
Sem luz, sem ter abrigo,
E eu conversei comtigo
Fallando-te de amor.
Vias ao longe um tumulo,
E eu apontei-te o empyreo;
Crês-te no meu delirio,
E eu desfolhei a flor.

Depois, não sei, parece-me
Que a voz que vem do mundo,
Ao seu viver jocundo
Um dia me chamou;
Ninguem me disse: — «Lembra-te
«Do anjo que deixaste,

«Da pomba que acordaste,
«Da que por ti amou!»—

E eu fui, deixei-te pavida
No horror da soledade;
Suspiros de saudade
Sem numero te ouvi.
O que fazer? tentava-me
A luz d'outro futuro;
Deixei teu seio puro
E á perdição corri.

Agora venho, e encontro-te
No derradeiro leito;
Já cobre a terra o peito
Que eu fiz pulsar na dor;
Anjo, perdoa ao misero,
Esconde-lhe o peccado;
Ergue-me a Deos, sagrado
No teu divino amor!—

Tive dó do mancebo; os desvarios
Com que perdêra aquelle amor tão santo,
Remia-os largamente n'essa hora
De contricção sincera, e de remorsos.
Se ella o ouviu? se os anjos que descansam
Aos pés de Deos, tem olhos para a terra,
Coração para o amor,—se o tem, de certo
Havia de ouvir Laura aquella prece,
Erguida pela voz do seu amante!

Retirei-me d'ali; pelo horisonte
Vinha em silencio a lua resvallando;
Um dos seus raios que descia acaso
Entre as folhas do ulmeiro, dava em chapa
Na casinha onde ha pouco ella morava.
Julguei vê-la á janella como d'antes,
Meiga, pura, feliz,—fugi do encanto,
E fui-me, todo o val, scismando triste,
E a repetir as funebres palavras
Com que a saudára pela vez primeira:
—«Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
«Quem entre os goivos te esfolhou da campa?»—

Maio de 1862.

E. A. VIDAL.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XVII

Salvador chegou com effeito no dia annunciado, e foi alojar-se na estalagem do Paço do Conde sobre pretexto de que a numerosa comitiva de criados brancos e pretos, e um viveiro de papagaios, araras, macacos e saguís, que esperava de Lisboa, o excluiam necessariamente de casa onde houvesse senhoras, e onde a tranquillidade fosse tida em conta de elemento indispensavel da felicidade domestica. Fôra Manoel de Oliveira esperal-o e recebel-o em carroagem ao alto das calçadas acompanhado de Henrique de Mello, porém teve de ceder a estas rasões, e de renunciar ao prazer de hospedar o seu antigo commensal.

Pae e filho que de vinte annos se não tivessem visto, não se abraçariam com maior effusão de affecto. Ambos choravam e riam ao mesmo tempo, limpando as lagrimas. Salvador vinha encontrar velho e alquebrado o negociante que deixára rico de energia e vigor e á frente de uma grande casa de commercio, Manoel de Oliveira mal podia acreditar que aquelle homem pallido, magro e calvo fosse o

mancebo refeito, corado e de cabellos louros que elle despachára para Angola com um carregamento de vinhos da Bairrada, e que lhe voltava agora millionario!

Passado o primeiro instante do encontro, o sr. Oliveira apresentou Henrique de Mello ao recem-chegado, e disse-lhe em breves palavras que homem era na cidade, e o muito que lhe devia. Salvador Lopes deu a mão a Henrique, como se fosse a um amigo antigo, e todos tres subiram ao calexe do sr. Oliveira para voltarem a Coimbra, que d'aquelle sitio parece aos viajantes que lhes está sorrindo e convidando-os a entrar dentro das suas antigas e quasi derrocadas muralhas.

O dia seguinte foi passado em casa de Manoel de Oliveira, onde D. Anna, a tia, o velho e Henrique de Mello se esmeraram em acolher e festejar tão excellente amigo. Antes do jantar a que por convite do dono da casa assistiram alguns amigos mais intimos, Salvador contou varias anedoctas interessantes de Africa e do Brazil, dando mostras de que a profissão commercial não destroe a educação litteraria, antes a desenvolve e apura com o conhecimento pratico das coisas e dos homens.

O velho teve de presente um riquissimo chapéo de Panamá, dos que raramente chegam á Europa, e uma bengala de ponta de abada com castão de oiro mandado fazer em Pariz. Manoel de Oliveira poz o chapéo mil vezes, como o teria feito um menino de treze ou quatorze annos. A bengalla andou-lhe quasi todo o dia na mão. D. Anna ecebeu um penteador de cambraia de linha, bordado a retalho, obra primorosa da industria bahiana, e a tia outro de menor valor, mas todavia de grande preço.

As caixas de goiabada, e de outros doces americanos, as esteiras feitas pelos negros, os pannos de missanga tecidos pelos indigenas, e as barricas da mais fina mandioca que se prepara no Brazil, vieram em grande quantidade para casa de Manoel de Oliveira. Os papagaios e mais alimarias e aves americanas ficaram desde logo á disposição das senhoras. Henrique, para quem não podia haver presente preparado, não escapou todavia á generosidade do brazileiro, como em Portugal se chama aos portuguezes que voltam da America. Salvador Lopes destinou-lhe algumas caixas de charutos da Bahia, preciosos na qualidade do tabaco fino e fraco, e no esmero da fabricação.

Foi o jantar alegre como o dia. As perguntas de Manoel de Oliveira ácerca da vida do seu protegido, já transportado em protector pelas alternativas dos destinos humanos, cruzavam-se com as de Salvador Lopes a respeito da mudança da casa para Coimbra, do sitio onde D. Anna fôra educada, e de muitas outras coisas que a curiosidade do amigo ausente ia apontando successivamente.

D. Anna fazia as honras da casa com aquella gravidade affectuosa que é condão especial da senhora ingleza, e que a filha de Manoel de Oliveira recebêra da mãe com o sangue e com a educação dos primeiros annos. A phisionomia sympathica de Salvador Lopes, a affeição que parecia ter ao sr. Oliveira, e o gosto com que o bom velho se comprazia de ver o novo hospede, causaram sensação agradavel no animo de D. Anna. Ao cabo do jantar havia entre ella e o brazileiro toda a intimidade discreta que em poucas horas se póde crear e desenvolver sob o influxo de sentimentos nobres e delicados.

Á noite veio um grande numero de visitas, e já se sabe, não faltou o sr. Alvaro de Araujo, sempre em seu nome, e da mana Christina. D'esta vez bem informado de que Salvador Lopes possuia a assombrosa bagatella de quatro mil contos, só lhe restava saber com que titulo passaria uma parte d'esse dinheiro para o cofre de Manoel de Oliveira, no qual lhe parecia necessario apesar da compra do Seixadello que se verificára logo segundo as formulas determinadas nas leis.

A curiosidade do menino coimbrão era difficil de satisfazer. Não que lhe faltasse astucia para preparar as perguntas e fazel-as em tempo competente. Graças a Deus, que para martyrio humano creou estes mosquitos teimosos, sobejava-lhe. Mas Salvador conversava com Manoel de Oliveira ou com D. Anna. Frequentes vezes com ambos. Henrique assistia á conversação em que em uma ou outra occasião tomava parte, e a tia era demasiadamente nervosa e irritavel para o caracter agro-doce de Alvaro de Araujo.

O chá, feito na sala segundo o uso inglez separou o grupo que rodeava Salvador Lopes, e em quanto D. Anna ajudada por Henrique exercia este importante cargo domestico, o brazileiro a quem o calor começava a apressar a circulação, foi para a janella sorver ar puro, que lhe alimentasse convenientemente o sangue.

Alvaro de Araujo que já procurára aproximar-se de Salvador Lopes frequentemente durante o serão, e de cuja adocicada malevolencia o recem-chegado fôra prevenido, quando lhe apresentaram o mano de D. Christina, aproveitou o ensejo, e foi ter com elle á janella, onde o brazileiro com a palma da mão sobre o peito consultava ácerca do estado da sua saude o bater apressado do coração. A conjunctura era mal escolhida para curiosidades, mas Alvaro de Araujo não o podia adevinhar.

— Ora ainda bem, começou o menino, que o vemos restituido á nossa patria! A mana Christina diz que sempre ouviu dizer a meu pae quando se fallava do sr. Salvador; aquelle mancebo ha de por força ser rico, e...

— Felizmente não se enganou, interrompeu com secura o brazileiro.

— E diz muito bem, felizmente, porque não só é bom para a nossa terra, mas para o reino. Isto não fallando nos amigos que podem precisar da sua protecção, e aos quaes de certo a não ha de recusar.

— Até onde eu puder, volveu Salvador Lopes impaciente por não lhe ser permittido deitar o rapaz pela janella fóra.

— Até onde puder? Essa é boa! Com quatro mil contos em Portugal tudo é possivel.

— Mas não vê que metade pertence ao meu socio, retrucou o brazileiro com intenção maliciosa.

— Ah! Tem um socio? Assim mesmo são dois mil contos. Cá em Portugal quem os tem? O seu socio então ficou no Rio?

— Não senhor. Está aqui.

— Em Coimbra, exclamou o rapaz espantado?!...

— Sim senhor. É o sr. Manoel de Oliveira, concluiu Salvador Lopes, sahindo da janella e approximando-se da mesa do chá.

Alvaro de Araujo ficou atonito, e correu logo a dar parte á mana Christina do estado da situação. Os dois mil contos de Salvador Lopes, dizia elle já em casa á sua ambiciosa irmã, são solteiros. Esta circumstancia é importante.

No fim do serão, Salvador despediu-se de todos por oito dias. Contava na manhã seguinte partir para a Figueira a visitar a que elle cuidava sepultura rasa de sua mãe, e que a discreta generosidade de Manoel de Oliveira cubrira sem lh'o participar com um tumulo elegante e simples. Depois havia de passar em Cantanhede a receber as ordens e a benção de seu pae, e d'ahi para Coimbra outra vez e com larga demora.

Henrique de Mello sahiu com elle, e foi acompanhal-o até á hospedaria. Pelo caminho Salvador Lopes disse-lhe que no seu regresso tratariam ambos dos negocios da casa pois que Manoel de Oliveira lhe parecia pouco disposto a entreter-se com isso; que elle estava informado das difficuldades actuaes, e que por isso pagára as letras em Hamburgo.

— Eu já o suspeitava, interrompeu Henrique.

— Se soubesse o que eu devo áquelle honrado velho... mas emfim esses pagamentos estão feitos. Agora se em quanto eu estou ausente houver qualquer caso imprevisto, póde sacar sobre o banco de Lisboa, ou sobre Cunha e irmãos do Porto, porque em ambas as partes será honrada a firma de Oliveira e C.ª, qualquer que seja a somma. N'este sentido dei ordem em Lisboa, e escrevi para o Porto ao meu agente ali.

Nós havemos de salvar o meu antigo patrão, concluiu Salvador apertando a mão de Henrique e despedindo-se d'elle á porta da estalagem, quaesquer que sejam os sacrificios que fôr necessario fazer.

— Essa foi sempre a minha intenção. Eu tambem devo grandes obrigações ao sr. Oliveira. Sem elle a minha casa seria hoje de meu tio José de Mello.

— Bem sei, e por isso conto com o seu auxilio. Eu disse áquelle bregeirote do Araujo que Manoel de Oliveira era meu socio. Convém não me desmentir. Até á volta, sr. Henrique de Mello.

— Até á volta sr. Salvador.

(Continúa).

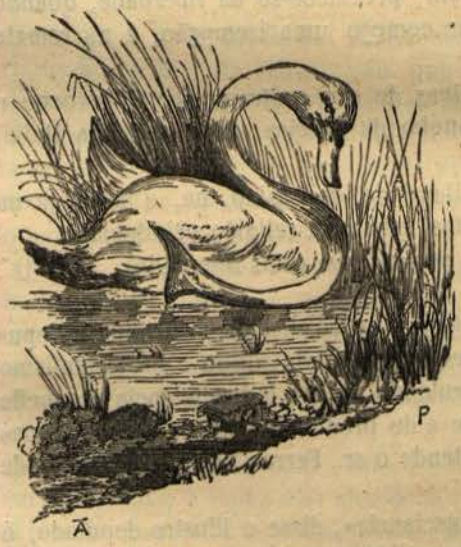
A. A. Teixeira de Vasconcellos.

DISCURSO

Proferido pelo Ministro da Marinha (Mendes Leal) nas sessões de 7, 9, e 10 de Maio do corrente anno

(Continuado do n.º 1 pag. 00.)

III



r. presidente, deixei hontem interrompida a minha exposição com pezar, com verdadeiro pezar, porque a necessidade d'estas interrupções, que seguramente distrahirão a attenção da camara, e me são penosas, resulta da obstinada invasão da primeira parte da ordem do dia sobre a segunda, invasão que se repetiu hoje, e me deixa ainda pouco tempo para tratar de assumpto tão importante como este. Creio, que tendo de discursar sobre materias que tocam tão de perto á sociedade e ao estado, na consciencia de todos deve estar a conveniencia de dar ao debate amplo e franco de taes materias o tempo necessario, sem directa ou indirectamente o restringir e apertar por esta fórma.

Tratei hontem um dos pontos apenas em que se póde dividir a questão. Passo hoje a tratar de outro, a que o illustre relator annexou uma idea, que no seu intender o completa, e não é menos importante. Fallo do livre ensino, tendo por idéa associada a liberdade de cultos segundo a doctrina de s. ex.ª

Aqui vem a ponto referir as bellas palavras do erudito relator da maioria da commissão «todas as liberdades se dão mutuamente as mãos; todas são ramos do mesmo tronco; não póde uma ser mutilada sem que o tronco se considere deturpado.»

Admitta-se o principio. Examinemos as consequencias.

É occasião de mostrar como o livre ensino, proposto por s. ex.ª, e tal como o propoem, perante os seus proprios juizos significa exactamente a mutilação de um dos mais importantes ramos da arvore, e por tanto a deturpação do tronco *(apoiados)*.

Livre ensino! Em que se faz consistir o livre ensino n'este contra-projecto? Na admissão das congregações religiosas, extinctas no primeiro artigo *(apoiados)*, ao ensino particular e domestico. Nada mais.

Muito bem. O ensino geral e necessario não estará legislado? Diz o artigo 83.º da lei de 20 de setembro de 1844: «é livre a qualquer estabelecer escóla para ensinar quaesquer disciplinas litterarias, subordinada esta concessão ás condições de capacidade e de moralidade?» Foi acaso derrogada essa lei pela proposta que apresentou o governo, ou pela proposta que apresenta o illustre deputado?

Por nenhuma fórma. Temos pois liberdade de ensino. Esta porém parece que não basta. E não basta com effeito. O livre ensino, que se insinua e sollicita, é outro. Em theoria argumenta com todas as escólas; na pratica tem um fito certo e sabido, antigo e averiguado. Vive em paz com as restricções, dado que estas o favoreçam; prevalece-se da liberdade, quando acha utilidade em exploral-a; é no começo uma isempção, é no remate um monopolio.

Para justificar as regras dispositivas do seu contra-projecto, invocou o sr. relator da commissão o testimunho da Belgica, da França, da Italia, da Austria, da Inglaterra.

Na França, juntamente com a liberdade de ensino, ha, e havia já na Carta de 1830, a liberdade dos cultos, não uma religião privilegiada.

Na Inglaterra todos sabem como se praticam estas liberdades.

Na Belgica outro tanto succede.

Note-se agora. A situação na Belgica é especial, porque o illustre deputado não ignora que a revolução belga, effectuada contra o protestantismo em nome do catholicismo, representando este a independencia e aquelle o jugo, decretou com essa liberdade a de predica e a de consciencia, mas a liberdade de consciencia como a entende o sr. Ferrer, não como a entende s. ex.ª

«Tambem temos liberdade de consciencia», disse o illustre deputado, é certo. Como? Porque póde cada um, ainda segundo s. ex.ª, confessar-se, ou deixar de se confessar. Poderia perguntar ao illustre deputado se esta é a liberdade de consciencia dos paizes que citou. Todavia nem isso é exacto, porque nos mais importantes actos da vida, entre nós, vem a cada passo a egreja pedir officialmente contas estreitas d'essa, não liberdade, *(apoiados)* mas obrigação.

Na Belgica, além de uma constituição liberrima, além d'esta amplissima liberdade de predica, e de consciencia para todos, ha, como disse,

a procedencia historica, havia o antagonismo entre duas nações rivaes, uma das quaes fora dominadora. Com tudo e apesar de tudo, dão-se ali turbulencias continuadas por causa da liberdade de ensino, turbulencias que já teriam ido mais longe, se não estivesse á testa d'aquelle paiz um soberano tão respeitavel pela sua illustração, como pela sua prudencia *(apoiados geraes)*. Essas turbulencias têem sido repetidas, a luta longa, e ninguem póde prevêr qual será o seu resultado *(apoiados)*. É isto o que se quer?

A Inglaterra! Permitta-me o illustre deputado que me incline, e nada mais diga da liberdade ingleza. Todos sabem a situação d'aquelle paiz, todos a conhecem, e todos reconhecerão tambem que os seus exemplos não pódem ser para aqui adduzidos, porque as suas leis de ensino, ligando-se com a iniciativa do povo e consuetudinarias praticas, não offerecem paridade favoravel ao paralello que se quer fazer *(apoiados)*.

Em França o governo de todos os tempos tem-se reservado o direito de vigiar de perto e strictamente a admissão ao ensino *(apoiados)*, e de impôr o seu veto ás demasias clericaes, quando ellas se fazem sentir *(apoiados)*. Duvida o illustre deputado? Tenho uma prova recentissima: é d'estes ultimos dias, e já depois das viagens do illustre deputado: é de 30 de abril de 1862. Acha-se na exposição apresentada ao senado pelo sr. marquez de la Rochejaquelein. O illustre deputado não ignora a opinião que representa em França o sr. marquez de la Rochejaquelein. Diz elle o seguinte:

«Senhor. — O sr. arcebispo de Rennes pede ao senado, nos termos dos artigos 25.º e 26.º da constituição, que mande annular as duas resoluções do Prefeito de *Ille-et-Vilaine*, com as datas de 1 e de 28 de novembro ultimo, as quaes nomeiam um professor de instrucção primaria e uma mestra na communa do *Sel*. *O eminente prelado denuncia estas duas resoluções do Prefeito como contrarias á liberdade do ensino*, e como constituindo actos arbitrarios e illegaes.»

Quereis saber a razão porque assim se queixa o sr. arcebispo de Rennes, e em seu nome o sr. marquez? É porque, tendo proposto o conselho municipal um ecclesiastico, pertencente a uma congregação religiosa, para mestre de certa escola primaria no municipio do *Sel*, o Prefeito entendeu *que devia preferir um secular*, e affastou da concorrencia aquelle ecclesiastico.

Aqui está como a França, como o estado exerce a sua vigilancia no ensino *(apoiados)*, e como não abandona o direito de negar ás corporações religiosas o respectivo ingresso, quando intende que esse é perigoso *(apoiados)*.

Não pára n'isto o exemplo. O sr. arcebispo de Rennes recorreu ao sr. ministro dos cultos. O que respondeu o sr. ministro dos cultos? Declarou — *que a decisão do Prefeito era inatacavel debaixo de todos os pontos de vista!*

Eis como a França entende o livre ensino *(apoiados)*, que não é bem exactamente o do sr. marquez de la Rochejaquelein *(apoiados)*.

Passemos á Austria. Quer s. ex.ª saber como a Austria comprehendeu tambem que devia completar a liberdade de ensino com a liberdade de cultos? Vou mostral-o.

(*Houve um áparte do sr. Casal Ribeiro, que não se ouviu na mesa dos tachygraphos.*)

O *Orador:* — Peço a s. ex.ª que formule em voz mais alta as suas interrupções para poder responder-lhe *(apoiados).*

O sr. *Casal Ribeiro:* — Não disse nada. Guardo-me para outra occasião.

O *Orador:* — Tambem eu me guardo *(apoiados).*

O projecto da Austria, a que s. ex.ª se referiu ha dias, e eu agora textualmente cito, dispõe no seu artigo 23: «a lei concede a todas as igrejas e sociedades religiosas *um direito egual. Não ha religião privilegiada para o estado.*»

O sr. *Casal Ribeiro:* — Apoiado.

O *Orador:* — Apoiadissimo, accrescento eu *(apoiados repetidos).*

Mas o artigo 6.º da nossa carta constitucional diz o seguinte:

Vozes: — Essa é que é a questão.

«Art. 6.º A religião catholica apostolica romana continuará a ser a religião do reino. Todas as outras religiões serão permettidas aos estrangeiros....» (aos estrangeiros sómente, aos portuguezes não) *(apoiados)* «com seu culto domestico e particular, em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior de templo.»

Esta com effeito é a questão *(muitos apoiados).*

O sr. *Jose Estevão:* — Apoiadissimo.

O *Orador:* — Como quer o illustre deputado comparar a sua liberdade de cultos (tendo por base tal restricção) com essa effectiva liberdade n'aquelle estado permittida? *(apoiados).*

O sr. *Casal Ribeiro:* — Leia o artigo 144.º da nossa carta constitucional.

O *Orador:* — Não destroe o que citei. Apresente s. ex.ª um projecto para revogar o artigo 6.º da mesma carta *(apoiados repetidos)*, e poderá sobre a liberdade de cultos fundamentar a proposta para a liberdade de ensino *(apoiados)* tal como a inculca. Antes d'isso, não.

O sr. *Jose Estevão:* — Ahi é que está a questão.

O *Orador:* — Argumento, repare-se, argumento especialmente sob o ponto de vista escolhido por s. ex.ª Todos o ouviram formular o voto e o desejo da liberdade de cultos *(apoiados — Vozes:* — É verdade). Esperava eu da logica e da coherencia de s. ex.ª vêr consignada esta disposição no seu *contra-projecto (apoiados. — Vozes:* — Muito bem). Não vejo todavia. Apparece ahi, pelo contrario, uma disposição nova, que a ninguem lembrára, um novo privilegio dado ás congregações religiosas *(muitos apoiados)*, privilegio que não póde ser acceito para tal fim em taes circumstancias *(apoiados).* S. ex.ª, introduzindo essa disposição, não ponderou seguramente «que todas as liberdades são irmãs, e que se se mutilar um dos ramos o tronco fica deturpado!» *(apoiados).*

Vejamos a Italia. Citou o illustre deputado um artigo do regulamento de instrucção publica do sr. Terenzio Mamiani. Faltou-lhe citar outro que serve de complemento áquelle. É o artigo 38.º, onde se diz: «são dispensados *dos exames de religião* os alumnos que não professem o culto catholico.»

Eis a disposição que virtualmente estabelece a liberdade de culto a par da liberdade de ensino!

As proprias leis, que o illustre relator da commissão citou, insurgem-se, como se vê, contra as opiniões multiplices, e ás vezes antinomicas ou obscuras, que nos artigos do *contra-projecto* mutuamente se oppugnam!

Agora uma conclusão logica. Adoptaes o que se pratica, ou legista, na Belgica, na Inglaterra e na Austria? Só podereis fazel-o reformando o artigo 6.º da carta *(apoiados repetidos)* Proferis proceder como na Italia e na França? Não tenteis então impedir que o Estado affaste do ensino, quando o julgar conveniente, as congregaçoens que exaltaes *(muitos apoiados)*.

A questão é de principios, disse eu, dizeis vós tambem. É. Aclamae quaes quizerdes; mas segui, mas observae, mas cumpri os que houverdes definitivamente esposado *(apoiados)*. Cumpri-os em toda a sua significação; aceitae-os em todas as suas consequencias. Qualquer crença sincera é honrosa. Só não póde ser licito invocar principios para formular em vagas regioens phantasticos desejos, pondo-lhes ao lado as condiçoens que os annulam, cavando-lhes na base a mina que os soverte! *(muitos apoiados)*. Como heis-de querer a liberdade sem ajustar o equilibrio? *(apoiados)*

Assevera-se que a proposta de lei do governo supprime a liberdade de ensino! Em que? Porque não admitte á ensinação civil as congregaçoens religiosas sem prévia authorisação legislativa? Mas esta é uma garantia, não uma suppressão. Em verdade a proposta de lei do governo nada supprime: subordina apenas á approvação parlamentar a admissão das congregações religiosas a taes funcçoens; quer dizer, sujeita os interesses da liberdade áquelles que devem ser os seus primeiros e mais vigilantes defensores, á nação representada pelos seus mandatarios *(apoiados)*. Não será isto justo? Em qualquer tempo, quando entenda que determinada ordem convém ser admittida ao ensino, póde a nação admittil-a sempre por meio de uma proposta de lei. É esta a tyrannia? Em que consiste a liberdade?

Disse com grande acerto o illustre deputado no seu brilhante relatorio: «as leis de repressão nos governos livres devem ser fortes, as leis de prevenção cautelosas.» S. ex.ª equivocou-se unicamente n'uma cousa. Entendeu que a proposta do governo era uma lei de prevenção. É uma lei de repressão *(apoiados)*. É uma lei de repressão, mas da repressão mais moderada...

O sr. *Casal Ribeiro:* — Oh!

O *Orador:* — Oh! — S. ex.ª póde soprar um — o — redondo como o mundo *(riso)*, que não tira a significação ao que estou dizendo.

Lei de repressão é, porque onde ha corporaçoens que affrontam no estado a authoridade, e a illudem, e lhe desobedecem, essas corporaçoens não podem continuar *(muitos apoiados)*.

É a mais moderada porque entrega todas as faculdades reguladoras á vontade nacional *(apoiados)*.

S. ex.ª é representante do paiz; é fiscal da conveniencia d'essa admissão; póde propôr quando quizer que sejam applicadas ao ensino as congregaçoens. Ninguem lh'o impede; a lei não lhe quita esse direito. O despotismo que o horrorisa, attente bem, chama-se «vontade nacional!»

Passemos a examinar se *no estado actual* effectivamente convém a admissão das congregaçoens religiosas ao ensino.

O sr. *José Estevão:* — Apoiado, apoiado.

O *Orador:* — No estado actual, repito, porque nas regiões praticas do governo a opportunidade não se ha de nunca perder de vista.

Citou s. ex.ª varios exemplos de estadistas nacionaes e estrangeiros. Nas applicações d'esses exemplos não attendeu porém ao momento e á conjunctura em que se acha a Europa. Não o fez, nem o podia fazer. Não. Os estadistas liberaes, se fosse possivel resuscitarem uns, e consultar a todos, diriam unanimemente... o que disse mr. Thiers, cujas nobres palavras hontem repeti.

Não entrarei na analyse da origem e importancia das ordens religiosas. É esse um capitulo historico interessante, mas aqui accessorio. S. ex.ª parece tel-o exclusivamente estudado em mr. de Montalembert, e no seu recente trabalho *Os monges do occidente*. Eu não as exalto por systema, nem as deprimo por accinte; avalio-as só segundo o prestimo e os tempos!

Devéras pensaes que sou inimigo das ordens religiosas? que lhes desconheço os serviços? que ignoro o que a ellas se deve na restauração dos codices, na ressurreição das antigas litteraturas, na conservação dos monumentos, no serviço das sciencias, no arroteamento de uma grande parte da Europa? Pelo contrario. Mas porque uma ordem, porque algumas ordens, em certas épocas, produziram salutares effeitos, segue-se que hajamos de desconhecer a sua frequente degeneração?

Foram as ordens religiosas prestantes á humanidade? Seria ingrato negal-o. É isto o que a verdade, a razão e a justiça pedem que se confesse. Honremol-as, como a todas as instituições que encheram os seus dias e os seus destinos, mas sem lhes sacrificarmos com vistas mundanas os eternos principios. Distinguamos-lhes o bem e o mal. Não lhes occultemos nem desagradeçamos as boas obras. Não dissimulemos porém, que, logo nos seus primeiros tempos, provocaram as repressões, já nos editos dos imperadores, já nas pastoraes dos prelados, accusando um profundo vicio organico. Não esqueçamos que a mesma repetição das reformações, sempre inefficazes, provou exuberantemente como andava funda, e se tornara incuravel a enfermidade.

Estas ordens com effeito invencivelmente foram pervertidas pelo espirito de dominio e de possessão, que no claustro mais se concentra e exalta — temeroso espirito de que Portugal póde dar tristes e numerosos documentos.

E não se diga que não são perigosas, quando se apresentam em numero diminuto. Simão Rodrigues entrou humilde, pobre, curvado para a terra, com poucos companheiros, e breves annos depois a garnacha negra toldava todo o horisonte! Sueiro Gomes introduziu-se como sollicitador reverente, e pouco tempo era passado o habito branco tomava o passo á purpura, ousando oppôr ás suas leis as proprias leis do imperante!

Dae-me que as ordens religiosas sejam o que devem ser, e não as impugnarei. A stringe dos dominicanos, a cogúla dos benedictinos, o burel dos franciscanos, são universalmente respeitaveis, quando abrigam homens, que uma fé pura, uma crença sincera, uma completa abnegação, le-

va a separarem-se do mundo e do seculo, para só pensarem em Deus. Seriam necessarios, seriam admiraveis esses santos refugios, se elles sómente se povoassem de desenganados, se apenas recolhessem a contemplação e o sacrificio, que volta as costas á terra para unicamente cuidar no ceu. Mas não nol-os mostra sempre assim a experiencia, já bem longa. Se o monge não faz o habito, tambem o habito não faz o monge.

O asceterio e o cenobio são para abrigar a piedade e a prece; não para servirem de cenaculos politicos, não para lá se fomentar a perturbação e a desordem, não emfim para mais a salvo se attentar contra as instituições de um paiz. E não terá isto succedido? *(apoiados)*. Quizera-os para conforto de infelizes. Para outra coisa não os quero, não, nunca. Declarou-o já Portugal; ha de confirmal-o o seu parlamento agora *(muitos apoiados.)*

Dae-me as ordens religiosas desprendidas de interesses e influxos terrenos; mas não m'as deis para senhorear uma quarta parte dos terrenos araveis do paiz, levando os braços á lavoura, perturbando as condições economicas, invadindo a paz das familias, aspirando ao predominio no estado, conflagrando as paixões, sublevando as consciencias!

E não será a restauração d'essas ordens o que hoje principalmente se pertende? É. Espero demonstral-o com os documentos na mão. Se apresentei provas da reacção fóra do paiz, hei de apresental-as ainda mais concludentes dentro no paiz.

Mas, antes, detenhâmo-nos um instante mais sobre a questão especial que nos occupa!

Pois que! Na liberdade de ensino não vêdes senão o individuo que ensina, e não o que é ensinado? Todavia o individuo ensinado é não menos para a sociedade do que o individuo ensinante! Em que deve assentar o publico ensino, que prepara para o estado civil? No amor da familia, base impreterivel e indispensavel. E a quem quereis entregar este ensino? Ás congregações, que são a negação da familia!

Encareceis os resultados? Observae-os mais de perto. Comparae os diversos estabelecimentos, e tereis provas palpaveis, visiveis e incontrovertiveis, de como nos que as congregações dirigem os affectos se entibiam. Ide visitar os asylos, que foram fundados sem irmãs de caridade, e onde todavia se procede com verdadeira caridade; ide ao asylo de Santa Catharina, ide ao do Campo Grande, e comparae as creanças ahi educadas com as creanças entregues á direcção d'essas irmãs, em cuja exclusiva admiração vos empenhaes! Nos primeiros o contentamento vos revelará a educação do amor; nos segundos o constrangimento vos indicará a educação do terror! *(apoiados)*

Tornemos á generalidade das congregações. Affirmou o urbanissimo deputado, que encetou este debate, o sr. dr. Beirão, «que o ensino pelas corporações religiosas nunca lhes foi disputado em Portugal.» Creio que se engana s. ex.ª. Foi, e foi em tempo que não póde ser suspeito de heresia nem de impiedade. Está provado por documentos de tal validade, que hão-de fazer dobrar a cabeça ao proprio illustre relator da commissão.

A edilidade do Porto, quando os jesuitas começaram a invadir o ensino publico em Portugal, esse municipio, que teve sempre vivos os instinctos

da liberdade *(apoiados)*, que sempre e constantemente pugnou pelas justas isenções, protestou contra essa invasão em um auto famoso, celebrado n'aquella povoação. Os habitantes mais grados, nobres ou plebeus, todos se congregaram para que nenhum consentisse que seus filhos fossem estudar latim aos padres da companhia, sob pena de ser o infractor riscado do livro da cidade. Isto fizeram os homens d'aquelle tempo, isto fizeram fidalgos e populares. Para se acautelar, o mesmo fez o senado de Lisboa. Analogo protesto lavrou a Universidade. Quem o attesta é o proprio chronista dos jesuitas, fr. Balthazar Telles. Procurae, e lá achareis. Dizei agora que nunca o ensino clerical foi combatido em Portugal!

Em abono e favor dos serviços que as congregações podem prestar, citou-se mais, no relatorio que precede o projecto da commissão, a auctoridade do sr. José Maria Eugenio de Almeida. Este cavalheiro prova o contrario do que se lhe attribuiu. Effectivamente o sr. José Maria Eugenio de Almeida, como illustradissimo que é, diz o seguinte:

«Pretender que *sem congregações religiosas não é possivel dar educação*, ou ministrar a caridade, nos estabelecimentos de benificencia publica *é injuriar a obra de Deus creador, e negar a efficacia dos dotes que foram dados ao homem para promover o seu bem.* O christianismo educou os seus filhos, durante os mais bellos seculos da egreja, com as virtudes mais austeras e puras; brilhava então entre elles, mais do que em tempo algum, a virtude excelsa d'esta religião santa, a caridade, e comtudo *não havia ainda as congregações religiosas.* Estados florescentes têem existido e existem, nos quaes a educação e a beneficencia publica são cuidadosamente attendidas, *e não têem precisado de recorrer ao auxilio das congregações religiosas.* Mas o que se não tem visto em tempo, e em lugar algum, é que a nossa religião santa entre n'estas funcções sociaes e as acompanhe sem as elevar, e sem tornar fecundos os bens que ellas derramam.»

O sr. *Casal Ribeiro*: — Oiçam.

O *Orador*: — Oiçam, sim, senhor. Tambem eu peço ao illustre deputado que me oiça até ao fim.

Continua o sr. José Maria Eugenio: «levado, direi melhor, obrigado pelas lições de uma triste experiencia a mostrar a falta deploravel que fazem nos estabelecimentos, da natureza do que dirijo, pessoas com as habilitações, que para elles se requerem, julguei que cumpria um dever indicando, como remedio a este mal, *a creação de institutos apropriados*, onde essas pessoas se preparem, onde se encontrem quando são precisas, e onde possam achar o repouso a que têem direito depois de longas fadigas. E fallando das condições que elles deverão ter, insisti na que julguei ser a mais indispensavel de todas, a influencia do principio religioso; insisti com abundancia n'este ponto, por me parecer que talvez hoje o tenhamos descurado, e porque vejo que sem ella cairá tudo o que edificarmos. Mas ao mesmo tempo *reconheço e confesso que a existencia de similhantes institutos póde conceber-se como coisa puramente civil, e no estado actual da nossa sociedade talvez seja essa a indole que deva dar-se-lhes, e a que encontrará menos difficuldades e estorvos.*»

Aqui está como o sr. José Maria Eugenio, que é um superior espirito

e uma sã e recta rasão, não professa absolutamente as idéas que lhe foram imputadas. Pelo contrario, como se vê, s. ex.ª reconhece e confessa que, na conjunctura actual, não são as congregações religiosas as mais aptas, e as mais adquadas para intervirem na educação e serviço do ensino, sem todavia descurar o espirito religioso.

E não o entende assim só o sr. José Maria Eugenio; ha mais impios (s. ex.ª agora provavelmente fica pertencendo á classe dos impios), ha mais impios, mais hereges, mais selvagens, phrase do illustre relator, que assim o accreditam, não só em Portugal, mas em toda a Europa *(apoiados)*.

Ouvi com prazer ao mesmo illustre relator fazer o elogio da religião, que os martyres sellaram com o seu sangue no meio dos tormentos; ouvi-o da mesma fórma condemnar com vehemencia a religião que fez martyres. Ha pois uma religião *feita pelos martyres*, e outra religião *que faz martyres*. A que se fez pelos martyres, a que nos primeiros seculos nos deu tão grandes exemplos de virtude e de constancia, não nasceu das congregações religiosas; a que fez martyres sahiu exactamente d'essas congregações *(apoiados)*. Não havia congregações religiosas quando os antigos christãos, soffrendo com invencivel resignação e heroica paciencia todas as perseguições, suportando dia a dia o martyrio, cimentaram nas catacumbas da Roma gentilica uma nova e mais gloriosa Roma. Os flagicios e as fogueiras, accesas depois em nome da religião de Christo, seriam motivo mais que sufficiente para abalar e destruir o edificio, que os crentes d'esses tempos haviam erigido, se estes, pelo vigor da sua fé, pelo fervor da sua eloquencia, não tivessem, com o sentimento da liberdade, radicado tão dentro no coração dos christãos o amor da religião verdadeira *(apoiados)*.

Quando o illustre relator da commissão declarou «que desejava a liberdade dos cultos» fundamentou esse desejo. Aspira a ella porque? Porque — asseverou s. ex.ª — o christianismo é de todas as religiões a que tem mais força de expansão. É assim. Mas d'onde lhe vem essa força? Vem lhe justamente de ter proclamado o principio da liberdade. É com este que, atravessando seculos e seculos, lutando sem cessar contra os seus naturaes inimigos, e não menos contra os seus falsos interpretes, se tem derramado pelo mundo, e por todo elle se hade continuar a diffundir *(apoiados)*. A liberdade é pois, a despeito de tudo, a principal feição, o principal caracteristico da nossa religião, e quem o negar desconhece-lhe a essencia *(muitos apoiados)*.

Grandes espiritos tem modernamente querido renovar as bases do catholicismo, assentando-o sobre as liberdades concebidas na mais larga significação. Occorre-me para o confirmar um facto, que peço licença á camara para narrar.

Depois de 1830 formou-se e publicou-se em França um jornal intitulado: *L'Avenir*. Redigiam este jornal tres homens eminentes, grandes fautores da idéa religiosa. Quer a camara saber quem eram elles? Era o padre Lacordaire, antes de ter vestido o habito de S. Domingos; era Lamennais, antes de ter sahido do gremio da Egreja; era mr. de Mon-

talembert, antes de começar a agitação catholico-politica. Estes homens defendiam o principio da liberdade do ensino; mas conjunctamente a pratica de todas as liberdades.

O sr. *José Estevão:* — Apoiado: a liberdade omnimoda.

O *Orador:* — É verdade: a liberdade omnimoda; liberdade de cultos, de ensino, de consciencia; o suffragio universal, a descentralisação administrativa; o tronco e os seus ramos, sem a menor mutilação. Isto queriam aquelles homens ardentes. Queriam dar a democracia por base á religião, segundo o seu espirito primitivo, segundo aquelle grande principio pelo qual se propagára e diffundira, que nos tempos revoltos lhe servira para proteger os fracos contra os poderosos.

Foram os tres redactores apresentar em Roma este programma, confiando na sua approvação. Mas a curia que respondeu? Repito-o com a reserva e respeito que devo, sem absolver nem condemnar. A encyclica de 1832 recusou exactamente essa liberdade de cultos, desejada pelo illustre relator, solicitada, como indispensavel complemento das demais liberdades, por esses tres homens, a quem s. ex.ª não negará a vastidão do saber, nem a eminencia dos dotes.

Se estes homens a diligenciaram, e não poderam conseguil-a, será s. ex.ª mais feliz do que elles? Não a conseguindo, poderá affirmar que estatue uma liberdade como a pinta, florente em todos os ramos, inteira e intacta no tronco?

Se não podeis pois alcançar a liberdade dos cultos, para, segundo o vosso systema, completardes a liberdade do ensino, não nos digaes que a vossa liberdade de ensino é toda a liberdade, porque d'esse modo não vem realmente a ser se não privilegio *(apoiados.)* É um privilegio, porque é um exclusivo.

Vejamol-o por outro lado. Insistiu s. ex.ª nas utilidades da concorrencia entre as escólas dirigidas pelos membros de corporações religiosas e as que regem os professores leigos. Onde imaginou um estimulo de licção ha um incentivo de arteficios. Para o provar sou obrigado a ler mais documentos de alguns impios lá de fóra.

Na audiencia de 4 de abril, no juizo de paz de Castelnau, em França, madame Dupont, mestra, pediu a indemnisação dos prejuizos causados pelo padre Gelé, que parochiava a egreja da communa, pelo seguinte motivo: *porque abusava da sua influencia nas consciencias para desviar as discipulas da sua escóla, e mandal-as para a escóla das irmãs da caridade.*

Eis o depoimento de uma testemunha, a sr. Meyre:

«Haverá dois mezes, fui a casa do sr. cura de Castelnau; perguntei-lhe se queria ensinar a doutrina a minha filha, para que ella recebesse a primeira communhão, e apresentei-lhe um attestado que o sr. cura de Santa Helena, ao retirar-me d'essa communa, me déra, recommendando-lh'a. O sr. cura respondeu-me — que se eu mandasse a rapariga á escóla das irmãs, faria com que ella recebesse a primeira communhão. — E dizendo uma mulher, que me acompanhava, que eu desejava que ella frequentasse a escóla de madame Dupont, replicou — *que em tal caso não receberia a primeira communhão.*»

Aqui está um sacerdote dispondo arbitrariamente dos sacramentos da egreja, a favor, ou contra os chefes de familia, segundo mandavam suas filhas a esta ou áquella escola, e *aliciando* por esta fórma em beneficio da escóla das irmãs contra a escóla commum.

O *sr. Sant'Anna Vasconcellos*: — Já cá ha d'isso.

O *Orador*: — Quereis a concorreneia n'estas circunstancias? Será esta a condição de verdadeira concorrencia?

Outra testemunha, o sr. Magné, exprimiu-se n'estes termos:

«Ha proximamente seis mezes, o sr. cura andando a passeiar, passou por minha casa. Estava eu á porta com minha filha. Perguntou-me que escóla frequentava ella, e eu disse-lhe que ia á escóla de madame Dupont, mas que fazia tenção de a mandar á escóla das irmãs. O sr. cura disse-me — que pensava que madame Dupont já não era mestra, porque havia mais de um mez que não a via na egreja. — E, perguntando-me se madame Dupont me levava dinheiro, como lhe respondesse que não, disse-me que passasse por sua casa, que elle me daria um bilhete para as irmãs, ás quaes tambem nada pagaria.»

Dizia o cura ao pae que a filha não pagaria na escóla das irmãs, para o mover a mandal-a para lá. Quereis saber o resto? Depois de lá estar, as irmãs fizeram-n'a pagar! É isto na verdade concorrencia ou absorpção?

Estes e outros muitos eloquentes indicios estão hoje subindo á superficie, e manifestando que ha realmente uma rede vastissima, lançada n'um evidente proposito e intuito politico *(apoiados.)* Julgam sinceramente os illustres deputados que se póde engeitar a significação de taes factos, que se póde transigir com elles, que se lhes não ha de medir o alcance? *(muitos apoiados.)*

Se o sacerdote já tem tantos privilegios, se tem o pulpito, de que usa e abusa *(apoiados)*; se tem o confessionario de que usa e abusa *(apoiados)*; se tem a faculdade de administrar os sacramentos de que assim usa e abusa *(apoiados)*, hemos de, sem obrigação stricta, sem necessidade absoluta, em nome da liberdade, dar-lhe mais este, que á sombra do dominio nas consciencias se torna maior privilegio, privilegio terrivel, quando o conjuram contra a liberdade! *(muito apoiados)* (*)

Quereis isto! Se o quereis, dizei-o. Mas se o disserdes, não direis que desejaes as actuaes instituições *(muitos apoiados)*.

(*) Nota. — A palavra *privilegio* escandalisou aqui profundamente a muito esclarecida piedade, e os muito sinceros escrupulos de alguns politicos devotos, cujo ardente zelo, perfeitamente estranho a todos os ardis mundanos, e, segundo parece, exclusivamente inspirado do mais genuino fervor catholico, chegou a vociferar: «que similhante ousadia provocaria uma revolução.» Eram innocentes desejos, auxiliados de soffriveis diligencias, por fortuna mallogradas. Estas almas candidas, no seu enthusiasmo religioso, esqueceram só que a egreja põe justamente na bocca dos bispos, collatores das ordens, logo no acto de conferirem aos ordinandos o primeiro grão n'ellas, a seguinte textual phrase: «considerae atentamente, filhos muito amados, que d'ora ávante ficaes sujeitos á jurisdicção da egreja, pois que adquiristes «direito aos privilegios do estado ecclesiastico.»

Se querem acabar de horrorisar-se, podem a este respeito consultar Mabillon, Hallier,

Affirma-se no relatorio: «pavoroso attentado! O governo com a sua proposta invadiu o ensino domestico!» Onde invade o governo o ensino domestico? Não o invade, não o póde sequer invadir, porque é essa uma especie que está fóra do alcance, tanto da authoridade, como do legislador. Que meios achaes de fiscalisar, de indagar, de investigar o que se passa em casa de cada um? Como definis essa imaginaria inquirição domestica? Nem existe. Se não existe, porque não póde existir, que receiaes das suas invasões? Ante o inimigo, que tendes visivel e presente, ostentaes um desdem que chega a incredulidade. Ante a apprehensão de um impossivel, tremeis de um susto inexplicavel. Como vos conciliareis?

«Não é permittido ao estado legislar para os paes de familia,» disse mais o illustre relator. Creio que é levar muito longe o principio. Mas, sendo tal a sua opinião, esperava eu vel-o revogar uma disposição que vou ler, que é lei vigente, e que s. ex.ª todavia não derogou no seu contra-projecto: é o artigo 32.º do decreto de 20 de setembro de 1844, que diz o seguinte:

«Os paes, tutores e outros quaesquer individuos residentes nas povoações em que estiverem collocadas as escólas de instrucção primaria, ou dentro de um quarto de legua em circunferencia d'ellas, devérão mandar instruir nas mesmas escólas os seus filhos, pupillos ou outros subordinados, desde os 7 annos até aos 15 de edade.

«§ unico. *Os que faltarem a este dever serão successivamente avisados, intimados e reprehendidos pelo administrador do concelho, e ultimamente multados desde* 500 *até* 1$000 *réis.*

Aqui temos como ao estado se deu e reservou o direito de multar os paes de familia que não mandassem seus filhos á escóla; quer dizer, entendeu-se que tinha o estado sufficiente jus, não só para administrar a instrucção, mas para obrigar á instrucção, sem por isso devassar o lar domestico *(apoiados)*. Como, conservando-se esta disposição, se entende agora que o não tem?

E o direito do pae de familia, para mandar ou deixar de mandar os seus filhos á escóla, não será igual ao de lhe escolher mestre? Não poderá o estado inspeccionar, vigiar, acautellar, e dirigir o ensino, da mesma fórma que o estimula, e que o obriga? Se se reconhece n'um caso a obrigação, como se ha de recusar no outro? *(apoiados)*

Accrescenta-se ainda: «odiosa tyrannia! Proscreveis a associação!» A associação, não, nem a religiosa, nem outra. Legislamos para as congregações, que são coisa diversa.

«Ides cercear a liberdade do ensino», exclama-se emfim. E quantas liberdades cerceaes vós todos os dias! A limitação d'essa liberdade, applicada ás congregações religiosas, temporaria, occasional, fortuita, mas justificada no mo-

Philipps, Berardo, o veneravel Beda, e S. Thomaz de Aquino. Verão que, á força de esmiuçar heresias, esses austeros varões hão de ainda declarar hereges os santos-padres, e heretissima a propria egreja de Christo!

As demais objurgações, que se oppozeram a este discurso, são pouco mais ou menos da mesma força, da mesma verdade e auctoridade.

mento actual, é justificadissima pelo que se está presenceando. Se não a completaes como todos a completam, a restricção odiosa, incompativel com as nossas instituições politicas, só em vós fica, segundo a vossa propria doctrina. Oh! vós que tal dizeis, todos os dias, repito, fazeis sem horror iguaes restricções nas outras classes, e não julgaes essas classes prejudicadas, nem a liberdade offendida *(apoiados)*. Pois quando não permittis que certos funccionarios publicos entrem n'esta casa e sejam eleitos, quando estabeleceis as incompatibilidades, não estaes cerceando a liberdade do voto? Quando reservaes para o estado o monopolio da polvora, não attacaes a liberdade no exercicio de uma industria? Quando attribuis unicamente ao estado a faculdade de cunhar moeda, não limitaes tambem a liberdade de outra industria? *(apoiados)* Se em beneficio do estado a cada passo estabeleceis restricções, e não vos julgaes tyrannos por não permittirdes em tudo uma liberdade illimitada, porque tão alto estranhaes que o mesmo se faça na liberdade de ensino? *(apoiados)* Serão completamente fundadas similhantes censuras? *(apoiados)*

(Continúa)

CHRONICA LITTERARIA

agou-se finalmente uma divida litteraria. Tenho o documento diante dos olhos. É um elegante e precioso livro. Lê-se no frontespicio um titulo modesto; engrandece-o todavia o nome que o firma. Eis o titulo: *Versos*, de Bulhão Pato. Haverá outro mais singelo, mais insinuante, mais expressivo? Creio que não; este resume tudo. É a franca e conscienciosa apresentação de um poeta, que todos conhecem, que todos proclamam, que todos admiram, que todos festejam. O nome ali é que recommenda o livro. Não é do livro que depende o prestigio do poeta; é o poeta que dá prestigio ao livro.

Versos, de Bulhão Pato! Sinto devéras alvoroço mencionando o seu apparecimento. Custava-me realmente que as flores graciosas de uma das nossas mais privilegiadas imaginações corressem soltas e dispersas, em vez de formarem um ramo que ninguem deixaria de possuir. E igual pena sentiam todos os cultôres das boas letras. Por isso, imagino por mim, a alegria que deviam sentir agora, ao recebêrem a offerta d'esse mesmo ramo não só reunido e atado; mas tambem matizado e escolhido pelo proprio auctor.

Vive ali n'aquellas paginas o poeta, como vivem nos seus cantos e hymnos todos os poetas que o são verdadeiramente. E d'estes é Bulhão Pato. Nasceu fadado para o ser em tudo, e por tudo. A poesia é um dom sublime e fatal. As grandes imaginações trazem em si grandes desgraças. Formam logo de nuvens os pedestaes de barro em que assentam as coisas da terra. D'ahi procedem primeiro, os enthusiasmos sinceros, as esperanças fagueiras, depois as funestas decepções, os amargos desenganos. A existencia de Bulhão Pato, como poucas, como raras, participa d'estas variantes. Obedece ao destino. Tão depressa se axalta como se desespera; tão depressa crê como renega. Rodeiam-n'o visões explendidas e negros phantasmas. Atravessa o mundo, ora festivo, ora sombrio; festivo quando ergue a fronte aos raios ardentes do sol; sombrio quando a curvá ás sombras da terra.

Leiam o volume de versos de Bulhão Pato, leiam-n'o com attenção como eu li, e aposto que percebem tambem como eu, mais de um traço que completa este perfil. As lagrimas e os risos, os amores e as desillusões, o sarcasmo e a piedade, o arrependimento, a esperança, o delirio, a ternura, a indignação, tudo ali se manifesta, tudo ali palpita, tudo ali anceia, deixando por esta fórma patente o coração do atribulado vate. Ás suaves harmonias seguem-se as apostrophes dolorosas, aos sentidos devancios as profundas ironias, aos voluptuosos sonhos o infernal despertar.

Phantasias de poetas, lhes chama o vulgo. Phantasias de poetas, sim; mas phantasias maravilhosas que espalham oiro e luz! Illuminam as folhas verdes das arvores, as petalas das flores, as aguas dos riachos, as ruinas dos mosteiros, e as vagas do oceano! Doiram a paixão, revestindo-a de fórmas seductoras e vaporosas que captivam e avassalam! E são elles os primeiros que abraçam a nuvem por Juno! E são elles os primeiros que se apoderam de taes ficções como de venturosas realidades. Almas desvairadas e nobres! É o ideal que as aviventa, é o ideal que as mata!

Citar e analysar as bellezas que encerra o livro, seria uma tarefa longa e difficil, alem de irrealisavel nos limites acanhados de uma chronica, que, por isso mesmo que se chama chronica não póde consagrar-se exclusivamente a um assumpto. Falsearia d'este modo o seu rotulo. A missão do chronista reduz-se a noticiar as obras esboçando ao mesmo tempo uma leve apreciação. É o que eu tenho feito, e continuarei a fazer. A critica tem outro logar n'este jornal.

Julgo portanto que, na restricta observancia do meu dever já indiquei o que era o livro de Bulhão Pato. Talvez os leitores não concordem n'isto. Talvez pensem que fallar-lhes do poeta, não é fallar-lhes do livro! Que as dôres, as incertezas, os tormentos, as aspirações, os affectos, as vaidades, os caprichos d'aquelle, não lhes explica o pensamento e valia do *Anjo caído*, do *Feliz d'amor*, dos *Tres retratos*, da *Visão do baile*, da *Bella sem coração*, da *Belleza ou morte!* Pois enganam-se. E sabem porque? Porque aquelle livro é o poeta, e aquellas paginas são pedaços que elle arrancou do coração.

Notarei agora as qualidades que singularisam as poesias de Bulhão Pato, e que attestam a sua reconhecida superioridade. São essas

qualidades a harmonia, a elegancia, a espontaneidade, a singeleza, a graça natural, o sentimento verdadeiro. O seu lyrismo participa do de Alfredo de Musset. Não se compraz como Victor Hugo e Mendes Leal nos vôos arrojados da aguia; paira quasi sempre como o cysne do lago. Ama o correr limpido da veia cristallina, o azul do céo, o brando sussurro do regato, o scintillar das estrellas, o pallido clarão da lua, o bruxulear do crepusculo, o sorriso da donzella, as lagrimas da mulher, tudo emfim que impressiona, dolorosa ou suavemente, a alma. É o que se traduz da leitura meditada das suas poesias.

Embora me custe, tenho de largar por mão o assumpto. Ha outras novidades a registar, e o espaço vae-me fugindo. É todavia necessario pôr um remate nas linhas consagradas aos *Versos* de Bulhão Pato. Mas qual? Se eu fôr tecer uma corôa de louro para enramar a cabeça do auctor, torno-me vulgar! Se eu fôr imaginar uma recommendação laudativa e ruidosa ao livro, torno-me banal, e n'estas circumstancias, inconveniente! Já sei o que me cumpre fazer. Dou os parabens ao editor. E elle acceita-os. É um homem (raro entre os seus collegas) que sabe o valor ás coisas, e que as não rebaixa para especular. Limita-se unicamente a fazer boas acquisições. Por isso dentro em pouco o catalogo da livraria de Antonio Maria Pereira ha de ser o primeiro e o mais rico da capital. Duas das nossas melhores illustrações já principiaram a enriquecel-o, e creio que lhe reservam todas as suas ineditas e futuras producções. Refiro-me a Mendes Leal e Camillo Castello Branco. D'este, além dos dramas e romances publicados até hoje, promette-nos *Os miseraveis de cá* e *Scenas innocentes da comedia humana*; d'aquelle, entraram no prelo dois volumes de narrativas historicas, e em seguida hão de imprimir-se varias composições dramaticas festejadas pelas nossas platéas.

Corôas fluctuantes! é o segundo livro que tenho a mencionar. É tambem um livro de poesias! Agradavel surpreza para mim e para os leitores. Para mim, porque estava longe de receber dois ramos de viçosas flores, quasi ao mesmo tempo; para os leitores porque não imaginavam de certo colhel-os juntos.

As *Corôas fluctuantes* attestam uma bella vocação. Todas as vezes que o sentimento enche o coração do poeta, as cordas da lyra vibram-lhe maviosas e sonoras. Quando, porém, se deixa levar do arrojo de um pensamento ousado, não é tão feliz: Prejudica-lhe o esmalte com falsas imagens. Mas este defeito o tempo e o estudo hão de corrigil-o e para o resgatar não faltam bellezas no mesmo livro, cuja dadiva agradeço, e do qual não prolongo a analyse, por que a penna auctorisada e competente de Camillo Castello Branco se encarregou de a fazer minuciosa no seguinte numero da *Revista Contemporanea*.

Transcreverei sómente a explicação que dá ao titulo *Corôas fluctuantes*, o seu auctor, o sr. J. Pinto Ribeiro Junior. Servirá para illucidar qualquer duvida do leitor.

«Na festa que no solsticio do estio celebram as donzellas de Varsovia, costumam ellas arremessar á corrente corôas de flores. N'essas corôas, que assim vão, girando soltas, caminho do olvido, crêem aquellas pobres moças livrar-se de todos os ruins cuidados que lhe

aggravam o espirito. Esperanças desfolhadas, pensamentos afflictivos, magoas desesperadas, mallogrados amores, tudo alli desapparece de prompto e a ponto, deixando a alma de novo a tragar espaço e liberdade.

«Não são outras — nem os tempos são para mais — as ambições do auctor, ao dar a lume estes seus versos.»

Além de uma revelação necessaria, é um diploma de modestia.

Cumpre-me igualmente agradecer o segundo volume das obras do sr. J. M. Pereira da Silva, contendo *Escriptos politicos e Discursos parlamentares*. Os dotes apreciaveis que realçam o talento do escriptor brazileiro, dotes manifestados no volume anterior, confirmam-se brilhantemente n'este. É uma obra importante para todos que precisarem ou desejarem colher esclarecimentos a respeito do estado do Brazil n'aquella época.

No theatro normal subiu á scena uma composição dramatica que illustra e honra o seu repertorio. Foi a comedia *Amor por conquista*, primorosamente traduzida por L. A. Rebello da Silva do original francez *Par droit de conquête*, de Ernesto Legouvé. A versão é um modêlo. Todas as bellezas e finuras do dialogo foram reveladas com igual mimo e com identico explendor. O publico intelligente reconheceu a valia do trabalho e festejou-o enthusiasticamente. É com taes escolhas que a administração da primeira scena nacional, justificará a sua competencia.

A *mise-en-scène* é digna de louvor. Ha naturalidade e bom gosto na disposição geral das figuras. Legitima a boa acquisição do sr. Pinto Carneiro, para o logar de director.

A proposito do desempenho, em que sobresahiram a actriz Delfina e o actor Santos, que hei de dizer? Nada. A seguinte carta encerra o mais valioso juizo.

«Minha boa Delfina. — Receba os meus cordeaes parabens pelo modo natural, distincto, e em tudo feliz, porque interpretou o papel de *Mad. Jorge*, na comedia *Amor por conquista*. Traduzindo-a desejei provar duas coisas, e não me enganei. Que o seu engenho dramatico podia e sabia realçar o riso comico pelas lagrimas, e que a nossa bella lingua é apta para se dobrar a todas as intenções e delicadezas do espirituoso dialogo francez. A segunda já não carecia de demonstração, depois dos modêlos admirados de versões e imitações com que Mendes Leal tem illustrado a scena e com elle alguns escriptores. Entretanto bom é sempre irmos teimando os que escrevemos e os que representam. O gosto pelos primores não se ha de introduzir senão pelo esforço commum, que exige esta associação de duas artes amigas, intimas, e irmãs.

Rogo-lhe que em meu nome queira agradecer aos seus collegas a boa vontade e o acerto, com que se esmeraram nos seus papeis. Peças como esta vivem ou adoecem do desempenho. Santos foi bem no desenho geral do caracter que representou, e excellente em varios lances. D. Gertrudes deu alma e phisionomia á marqueza tão perigosa de descahir em exagerações, que a tornassem odiosa. *O marquez de Ruillé* é digno dos seus antepassados na bella scena do terceiro acto com *Jorge Bernard*; e a interessante *Alice* de certo não desmentio o ideal do auctor na maneira porque o realisou. *O Visconde* merece applauso pelo tom chistoso, com que executa a sua

parte. *De Mad. Jorge*, repito, não tenho a acrescentar senão, que se eu fosse Legouvé havia de escrever sempre para ella um dos meus papeis.

Adéus minha querida artista. O seu beneficio grangeou-lhe mais um triumpho merecido, e creio firmemente que não seria um passo inutil para a arte scenica. Disponha para tudo de quem foi sempre e ha de ser; — Sincero admirador do seu engenho e bondoso caracter; — Luiz Augusto Rebello da Silva.»

Copiando esta carta unicamente accrescento: nunca a actriz colheu tão basto e viçado loiro nem o mereceu tanto. Um voto d'estes expresso por tal modo, por tão opulenta penna de oiro, condensa o que dizem muitas platéas, faz o epilogo de uma rica historia.

ERNESTO BIESTER.